

# O Sermão da montanha e algumas práticas religiosas dos judeus - esmola, oração e jejum

Considerando o que é ensinado no Sermão da Montanha na oração do Pai nosso, de que quem roga a Deus pelo perdão das ofensas espera que Deus o faça graciosamente (como perdoamos os nossos devedores), não se pode aquiescer de uma ideia prescritiva de comportamento, de que Jesus estava ensinando que Deus só perdoa aqueles que perdoam aos seus semelhantes.

---

O Sermão da montanha e a abordagem de Jesus, acerca da esmola, da oração e do jejum

## Introdução

O capítulo 6 do evangelho, segundo Mateus, é continuação do Sermão da Montanha, portanto, para interpretá-lo e compreendê-lo, se faz necessário considerar os princípios que norteiam o discurso de Jesus.

Em primeiro lugar, é necessário considerar o público alvo do discurso, pois Jesus só falou, por parábolas, à multidão: “E sem parábolas nunca lhes falava.” (Mc 4:34; Mt 13:13)

Em segundo lugar, é necessário considerar que a justiça dos seus ouvintes deveria ser superior à de seus mestres (Mt 5:20), portanto, as práticas dos ouvintes de Jesus não deveriam ser as mesmas práticas dos escribas e fariseus, vez que elas não concedem a justiça, que dá direito ao reino dos céus.

Em terceiro lugar, é necessário considerar as suas ações, sob o prisma da pergunta: ‘*Que fazeis de mais?*’, ou ‘*Não fazem os publicanos e pecadores, também, o mesmo?*’, visto que praticavam ações semelhantes àqueles que condenavam e achavam que tinham direito ao reino dos céus. (Mt 5:46-47)

Após redarguir a multidão, com base em questões da lei, o Senhor Jesus passa a questionar as práticas religiosas (esmola, oração e jejum) dos seus ouvintes. (Mt 5:21-48)

## Esmolas

“GUARDAI-VOS de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; Para que a tua esmola seja dada em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, ele mesmo te recompensará publicamente.” (Mateus 6:1-4)

Após demonstrar a impossibilidade de seus interlocutores alcançarem justiça superior à dos seus líderes religiosos, através da lei, Jesus passa a abordar algumas práticas religiosas do judaísmo. A forma como a prática das esmolas era realizada é a primeira questão religiosa a ser analisada.

É importante notar que, logo após orientar os seus ouvintes a serem perfeitos, como o Pai celestial, Jesus instrui a multidão a não esmolar, com o fito de serem notados pelos religiosos, alertando que, quem dá esmola diante dos homens, não será recompensado por Deus. (Mt 5:48)

Jesus salienta que os hipócritas (líderes religiosos), tanto nas sinagogas, quanto nas ruas, procuravam dar esmolas diante de uma plateia, como quem toca uma trombeta, chamando a atenção para si, no momento que iam esmolar, somente para serem reverenciados pelos seus pares, pela prática. A atenção destes, já era recompensa bastante para os hipócritas.

Jesus não proibiu a prática religiosa de esmolar, mas orientou a multidão que, se fosse dar esmolas, que o fizesse em oculto, ou seja, sem chamar a atenção (não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita), pois, Deus é conhecedor de todas as coisas e é Ele que recompensará publicamente o doador.

Dar esmolas é uma prática humanitária adotada pelas religiões e por seus

seguidores. Jesus não condena quem dá donativos aos seus semelhantes, porém, qualquer que pensa que alcançará a salvação por meio dessa prática, precisa mudar a concepção (metanoia), pois o único caminho que conduz o homem a Deus é Cristo.

Segundo São Roberto Belarmino (1542-1621), teólogo católico e cardeal inquisidor, há cinco vantagens em se dar esmola:

- É reparação por pecados cometidos;
- Acumula-se méritos para a vida eterna;
- Permite o perdão dos pecados;
- Aumentam a confiança em Deus;
- Inspira os pobres a rezarem por seus benfeitores.

Observe essa reprimenda feita a um fariseu:

“E, estando ele, ainda, falando, rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele; e, entrando, assentou-se à mesa. Mas, o fariseu admirou-se, vendo que não se lavara antes de jantar. E o Senhor lhe disse: Agora vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade. Loucos! Quem fez o exterior não fez, também, o interior? Antes, dai esmola do que tiverdes e eis que tudo vos será limpo. Mas, ai de vós, fariseus, que dizimais a hortelã, a arruda e toda a sorte de hortalças e desprezais o juízo e o amor de Deus. Importava fazer estas coisas e não deixar as outras.” (Lc 11:37-42).

Ao dizer:

“Antes daí esmola do que tiverdes e eis que tudo vos será limpo.” (Lc 11:41),  
ou;

“Vendei o que tendes e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, onde não chega ladrão e a traça não rói”, Jesus não estava orientando os fariseus a adotarem a prática de esmolarem, pois, isso, já faziam. (Lc 12:33)

A determinação de Jesus aos fariseus é a mesma dada ao jovem rico, para que eles fossem perfeitos, como, perfeito, é o Pai Celeste:

“Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o

aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me.” (Mt 19:21; Mt 5:48);

“Outrossim, o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a.” ( Mt 13:4 -46).

O apóstolo Paulo considerou tudo o que possuía como esterco, para ganhar a Cristo, ou seja, ele se desfez de tudo:

“E, na verdade, tenho, também, por perda, todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo.” (Fl 3:8)

Ora, a multidão precisava ser perfeita, como o Pai é perfeito (Mt 5:48) e aí, a necessidade de aprender, acerca da prática das ‘esmolas’.

Para os ouvintes de Jesus serem perfeitos como o Pai celeste, precisavam ser misericordiosos como o Pai celeste: “Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6:26). O termo grego traduzido por esmola é ελεημοσυνη<sup>[1]</sup> (eleemosune) que, também, significa misericórdia, piedade.

A esmola exigida por Deus, não tinha em vista os pobres, pois Ele mesmo enfatizou:

“Porquanto, sempre tendes convosco os pobres, mas a mim não me haveis de ter sempre.” (Mt 26:11)

Por parábola, Jesus estava ensinando os ouvintes do Sermão do Monte, como se purificarem: entregando a alma a Cristo, seguindo-O como mestre, pois essa é a justiça de Deus, a misericórdia (esmola), que deviam aprender e exercer.

“Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim chamar os justos, mas, os pecadores ao arrependimento.” ( Mt 9:13);

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição, por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha

causa.” (Mt 5:10-11);

“Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus. Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.” (Rm 10:3-4; Rm 3:22 ; Fl 3:9; Is 42:21).

Cristo é a justiça, pela qual os seus discípulos seriam perseguidos, a justiça que excedia à justiça dos escribas e fariseus:

“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e dos fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Mt 5:20);

“Mas, buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mt 6:33)

Os escribas e fariseus deviam por em prática o mais importante da lei: o juízo, a misericórdia e a fé e não deixarem de fazer doações aos pobres, pois o conceito de ‘justiça’ estabelecido por Deus é a obediência à sua palavra, o que, também, se designa por ‘misericórdia’!

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizíeis a hortelã, o endro e o cominho, mas desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas e não omitir aquelas.” (Mt 23:23)

O que Deus estabeleceu na lei? O que era justiça para Israel? O cuidado em cumprir todos os mandamentos, como Deus ordenou.

“E o SENHOR nos ordenou que cumpríssemos todos estes estatutos, que temêssemos ao SENHOR, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como no dia de hoje. E será para nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o SENHOR, nosso Deus, como nos tem ordenado.” (Dt 6:24-25)

Mas, passou-se o tempo e o profeta Isaías protestou contra Israel, dizendo:

“CLAMA em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó os seus pecados. Todavia me procuram cada dia, tomam prazer em saber os meus

caminhos, como um povo que pratica justiça e não deixa o direito do seu Deus; perguntam-me pelos direitos da justiça e têm prazer em se chegarem a Deus...” (Is 58:1-2)

Se a justiça para Israel era cumprir o que Deus ordenou, por que perguntavam, a cada dia, pelos direitos da justiça? Respondo: Porque os filhos de Israel confundiam práticas religiosas, como distribuir dinheiro aos pobres (esmola), com o serem ‘misericordiosos’ de fato, ou seja, em Israel não havia quem entendesse: - *‘Misericórdia quero e não sacrifício’*.

O registro da parábola do Sermão da Montanha pelo evangelista Lucas, assemelha-se, em muito, ao que Mateus registrou, com relação à ‘misericórdia’, o que nos fornece elementos para melhor compreensão da parábola do Sermão da Montanha, no que concerne às esmolas:

“E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também, os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também, os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também, os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto. Amai, pois, a vossos inimigos, fazei bem e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno, até para com os ingratos e maus. Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6:32-36)

Os versos 32 a 35, do capítulo 6, de Lucas, contém a mesma temática de Mateus 5, versos 46 a 48, exceto pela invocação do que os ouvintes ouviram, acerca da lei:

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos, também, o mesmo? E se saudardes, unicamente, os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos, também, assim?” (Mt 5:46-48)

Como já vimos, anteriormente, Jesus não estava instituindo novas praticas ou, novos princípios morais, antes, destacando o fato de que tudo o que faziam, a pretexto da lei, os pecadores faziam o mesmo: amam aos que os amam, fazem o bem aos que lhes querem bem, emprestam para receber com juros, etc.

Daí a necessidade de práticas superiores às dos escribas e fariseus, para serem perfeitos: serem misericordiosos, ou seja, deveriam vender tudo o que possuíam e dar aos pobres, ou seja, dar esmola de tudo o que tivessem! (Lc 11:41 e 12:33; Mt 19:21; Mt 5:48)

## **A oração**

“E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar, em pé, nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade, vos digo, que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.” (Mt 6:5-8)

Assim como a prática de dar esmolas, a oração é prática comum aos diversos segmentos religiosos existentes no mundo e até à algumas correntes filosóficas, que adotam tal prática, a pretexto de meditação.

No judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo, espiritismo, etc., a oração é tida por uma ação religioso que faz contato com o divino, através de uma ligação, conversa, pedido, agradecimento, reconhecimento, louvor, adoração ou, reverência, podendo ser individual ou, coletiva.

Daí a pergunta: o que diferencia a oração do cristão, da oração das outras religiões? Qual era o mote da oração dos judeus, que se fez necessário Jesus instruí-los, acerca da oração?

Não podemos esquecer que estamos analisando o Sermão da Montanha, uma grande parábola, pois tem, por público alvo, os judeus, povo religioso, mas que as Escrituras protestavam contra eles como sem compreensão: **“Porque são gente com falta de conselhos e neles não há entendimento.”** (Dt 32:28)

Considerando a necessidade premente dos ouvintes de Jesus obterem justiça superior à dos escribas e fariseus, para terem direito ao reino dos céus (Mt 5:20),

Jesus destaca o comportamento dos líderes da religião judaica, que, continuamente, frequentavam as sinagogas, tinham prazer em fazer suas orações, em pé, nas sinagogas e nas esquinas das ruas, com o objetivo de serem notados pelos seus pares.

No mínimo, o comportamento dos ouvintes de Jesus deveria ser diferente dos seus líderes, caso quisessem justiça superior. Se os líderes judaicos já receberam a sua recompensa, ao se fazerem notar quando oram nas praças e nos templos, os ouvintes de Jesus deveriam entrar em seu local de repouso e fechar a porta para orar, sem que os outros percebam, pois é Deus quem ouve as petições e recompensa publicamente.

Semelhantemente, de nada adianta fechar a porta do quarto para orar, mas, quando for testemunhar, anunciar na tribuna, diante de todos, que é um homem ou, mulher de oração ou, exibir joelhos calejados, a pretexto de orar bastante. Muitos pregadores dão testemunho de si mesmos, de que são homens de oração, com o fito de serem reverenciados por seus expectadores!

Além de não se exibirem como os hipócritas, os ouvintes de Jesus são instruídos a não se utilizarem de vãs repetições, como os gentios, que acham que, por muito orar, de algum modo serão atendidos. Através desse verso, torna-se evidente que o público alvo da mensagem do Sermão do Monte era composto por judeus.

Jesus deixa claro que, para Deus atender a uma oração, Ele não leva em conta o quanto a pessoa ora, como se o tempo em que a pessoa permanece em oração o sensibilizasse. Deus não se assemelha ao juiz iníquo da parábola sobre o dever de orar sempre, sem se desfalecer. (Lc 18:1-8)

Deus não é favorável a qualquer que acredita que será atendido por muito rogar, antes, Deus atende aquele que confia que Ele é misericordioso e galardoador daqueles que O obedecem.

Jesus enfatiza que Deus conhece aquilo que o homem há de pedir, antes, mesmo, de formular o pedido. O crente, quando ora a Deus, assim, o faz, porque confia na misericórdia divina, não porque Deus desconhece os seus problemas ou, o que vai pedir.

Observe que Jesus só analisa a maneira que os escribas e fariseus oravam e recomenda a seus ouvintes que mudem a forma de fazê-lo. Ao apontar o jeito que



os escribas e fariseus oravam e a maneira que os seus ouvintes deveriam orar, Jesus não estava estabelecendo que a condição para serem ouvidos por Deus era fechar a porta do aposento ou, que o quarto é um lugar especial para Deus.

A proposta de Jesus à multidão é para que, ao menos, a forma e o lugar onde orarem fosse alterada, caso buscassem alcançar justiça superior à dos escribas e fariseus.

A resposta que um jovem, cego de nascença, deu aos escribas e fariseus, após ser curado por Jesus, é a melhor definição de quem Deus ouve a oração e de quem Deus não ouve:

“Ora, nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a esse ouve.” (Jo 9:31).

Isaías já havia profetizado, explicando o motivo pelo qual Deus não ouvia os filhos de Israel:

“Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e, ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue.” (Is 1:15).

Enquanto Deus exigia do povo obediência (1Sm 15:22; Os 6:6), os filhos de Jacó apresentavam-se no templo com sacrifícios, ou seja, com a mão manchada de sangue, pois, quem oferece um boi é como quem mata um homem. (Is 66:3).

## **A oração do ‘Pai nosso’**

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; O pão nosso de cada dia nos dá hoje; E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém.” (Mateus 6:9-13).

Conhecendo os seus interlocutores, pois não sabiam o que pedir e nem como pedir, Jesus ensina a oração do Pai Nosso.

Esse problema, a respeito do que pedir e de como convém pedir, não é afeita à Igreja de Cristo, pois o Espírito Santo intercede pelos que estão em Cristo e Jesus mesmo orou ao Pai, pelos que haveriam de crer n'Ele.

*“E da mesma maneira, também, o Espírito ajuda nas nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir, como convém, mas, o mesmo Espírito, intercede por nós, com gemidos inexprimíveis.”* (Rm 8:26; Jo 17:20).

A oração do Pai nosso, ao longo dos tempos, tornou-se uma reza e muitos a utilizam de modo repetitivo, como se fosse uma fórmula mágica. Diante de situações mil, as pessoas recitam o Pai nosso, como em velórios, perigos, tristezas, decepções, etc. Em nossos dias, as pessoas continuam se utilizando de vãs repetições em suas orações e, simplesmente, agregam as suas imprecações ao Pai Nosso.

A oração 'modelo', ensinada por Jesus, contém princípios que norteariam os judeus a saberem a quem pedir, o que pedir e como pedir. Os ouvintes de Jesus, ao pé do monte, não precisam iniciar as suas orações, dizendo: *‘Pai nosso que estais nos céus...’*, como se nessas palavras houvesse um conteúdo mágico, uma fórmula, mas, antes, compreenderem que, quando orarem, devem confiar, inteiramente, em Deus, como Pai.

Aquele que roga: *“Pai nosso que estás nos céus...”*, é conduzido a considerar se, efetivamente, é um dos filhos de Deus, pois, se for uma mancha, geração perversa e distorcida, de nada adianta orar, pois não será atendido. (Dt 32:5)

*“O filho honra o pai e o servo a seu senhor; se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou Senhor, onde está o meu temor?”* (Mt 1:6)

A oração é fruto da confiança que o filho deposita na misericórdia e na fidelidade de Deus (Hb 11:6) e não o contrário, confiar que a oração é o elemento que concede o favor divino.

Quando orassem *‘... santificado seja o teu nome’*, os ouvintes de Jesus deveriam considerar se santificam (separam) o nome de Deus, quando se obedecem à Sua palavra. Rogos, orações e imprecações, não diferenciam Deus de outros deuses, mas, sim, por honrá-lo como Pai e Senhor.

“Ao SENHOR dos Exércitos, a Ele santificai; seja Ele o vosso temor e seja Ele o vosso assombro.” (Is 8:13)

Deixar de pronunciar o nome de Deus ou, pronunciar o nome de Deus somente em aramaico ou hebraico, não é santificar o nome de Deus. Se a doutrina (temor) de quem ora é proveniente de Deus e, se o indivíduo, efetivamente, obedece (assombro, tremor), Deus é santificado (separado). Como santificar o nome do Senhor? Obedecendo-O! Ao dizer: santificado seja o teu nome, quem faz a oração deve ter a Deus como seu temor (regra de fé) e obediência.

Na Antiga Aliança, o homem santificava o nome do Senhor, quando obedecia aos seus mandamentos e, na Nova Aliança, com o advento de Cristo, santificar ao Senhor é crer que Jesus de Nazaré é o Cristo.

“Antes, santificai ao SENHOR Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”. (1 Pe 3:15)

Santificar o nome de Deus não é algo visível, mensurável aos olhos do próximo, antes, é próprio ao indivíduo que obedece a Deus em espírito e em verdade. Por isso, dar esmola para que todos vejam ou, orar nas praças, não significa que se está ‘santificando’ o nome de Deus.

Quando o homem santifica a Deus obedecendo, Deus também santifica o seu nome, realizando a sua maravilhosa obra redentora. Deus santificou o seu nome, ao levantar salvação poderosa na casa de Davi, seu servo, pois Ele havia prometido que o Cristo nasceria na casa de Davi. Deus santifica o seu nome, como fiel e verdadeiro, ao lembrar-se da sua santa aliança e juramento a Abraão. (Lc 1:69-73)

Jesus sabia que Deus era o seu Pai e que, verdadeiramente, ele era o Filho e que Deus sempre haveria de atendê-Lo. Mas, quando diante da multidão, Jesus rogava ao Pai para que soubessem que Ele é o enviado de Deus, como salvador do mundo.

“Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste”. (Jo 11:42)

Percebe-se, através da oração de Cristo, que a oração, também, possui um viés

didático para aqueles que ouvem a oração.

O que os judeus deveriam pedir a Deus em oração? O reino de Deus! Por que o reino de Deus? Ora, o reino de Deus se estabelece pela presença do Cristo, o grande Rei, e só é inaugurado com a vinda do Cristo, o Filho de Davi.

Ao orar pela vinda do Messias, estariam orando segundo a vontade de Deus, e assim, não haveria como não serem atendidos.

“E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve.” (1 Jo 5:14)

Com a vinda do Cristo, a vontade de Deus se estabelece, tanto nos céus, quanto na terra:

- a. nos céus, a vontade de Deus é estabelecida, porque Cristo é constituído a cabeça do corpo, que é a Igreja, constituída de todas as famílias da terra (judeus e gentios);
- b. na terra, Deus faz a sua vontade, cumprindo a sua palavra a Abraão e a Davi, fazendo os filhos de Israel herdarem a terra prometida e assentando Cristo sobre o trono de Davi, seu pai.

Em Cristo, o Filho de Davi, o templo prometido a Davi está sendo erguido com pedras vivas: que é a igreja, portanto, a promessa feita a Davi está sendo cumprida, e Cristo é constituído o primogênito de Deus entre muitos irmãos (Rm 8:29).

Por meio de Cristo, Deus restaurará a nação de Israel, unificando as duas casas de Israel, e Ele se assentará sobre o trono de Davi, na condição de o mais elevado dos reis da terra (Sl 89:27) e exercerá o sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque. (Sl 110:4)

Quando orassem, os Judeus tinham que se preocupar com o que comer?

“Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou, pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento e o corpo, mais do que o vestuário? (...) (Por todas estas coisas, os gentios procuram). De certo, vosso Pai celestial, bem sabe que necessitais de todas estas coisas.” (Mt 6:25)

Em outra ocasião, Jesus ensinou aos judeus, que deviam trabalhar pela comida que permanece:

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou.” (Jo 6:27)

Devemos lembrar que o homem não vive de pão, mas, da palavra de Deus (Dt 8:3), e que Deus estabeleceu o trabalho, como meio de subsistência (Gn 3:19). A oração que Jesus ensinou, tinha o viés de fazer os seus interlocutores pensarem o que é conveniente pedirem a Deus, pois Deus não contraria a sua palavra, dando pão a comer, se é necessário trabalhar.

Ao pedirem pão, os ouvintes de Jesus deveriam repensar os seus conceitos, acerca do que estava estabelecido por Deus e, assim, ocorreria o arrependimento, pois, Cristo é o verdadeiro pão que dá vida:

“Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu” (Jo 6:32)

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo.” (Jo 6:51).

Quando Deus concedeu aos filhos de Israel pão no deserto, por mão de Moisés, era fornecida a matéria prima, todos os dias, para o consumo daquele dia. Assim, não deviam se preocupar com o que haveriam de comer amanhã, mas, sim, em preparar o que foi concedido por Deus, apenas, no dia de hoje.

Os ouvintes de Jesus deveriam pedir a Deus o perdão de suas ofensas, confiados na misericórdia de Deus e não se apresentarem diante d’Ele, confiando que eram justos. O favor divino só é concedido aos necessitados de espírito.

Somente o Cristo pode levantar as mãos aos céus e orar ao Pai, apresentando a sua retidão e justiça:

“O SENHOR julgará os povos; julga-me, SENHOR, conforme a minha justiça, e conforme a integridade que há em mim.” (Sl 7:8)

Quando alguém perdoa a dívida do seu próximo, assim, o faz, graciosamente (sem

pedir nada em troca), portanto, os ouvintes de Jesus deveriam pedir a Deus que fossem perdoados, graciosamente.

O ensino de Jesus não estabelece uma barganha entre o homem e Deus: ‘Ó, Senhor, perdoa a minha dívida, pois eu perdoo aquele que me ofende’. Interpretar como imprescindível perdoar o outro, para ser perdoado por Deus, é pernicioso e torce a ideia do texto. Deus não é devedor de ninguém, mesmo quando esse alguém perdoa o seu semelhante.

“Se fores justo, que lhe darás ou, que receberá ele da tua mão? A tua impiedade faria mal a outro, tal como tu e a tua justiça aproveitaria ao filho do homem.” (Jó 35:7-8)

O ‘assim como’ da frase: “E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”, é um comparativo que introduz a ideia de gratuidade, ou seja, que Deus os perdoaria, sem nada exigir.

O ensino de Jesus tinha o fito de orientar a multidão a não adotar o posicionamento descrito na parábola do fariseu e do publicano, em que o fariseu, confiado em si mesmo, na sinagoga, dá graças a Deus, por não ser como os demais homens.

“O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.” (Lc 18:11)

Os ouvintes de Jesus deviam orar a Deus para livrá-los da tentação, livrando-os do mal. No que consiste a tentação? Tudo o que faz o homem desviar-se de cumprir os mandamentos de Deus! O mal se abate sobre todos os que se desviam de obedecer a Deus, portanto, qualquer que permanece obediente a Deus está livre do mal.

“Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados.” (2 Pe 2:9).

Ao final da oração, reconheça que a Deus pertence o reino, o poder e a glória para sempre, ou seja, que é plenamente possível a Deus conceder tudo o que foi pedido, anteriormente, pois essa é a vontade de Deus!

O crente em Cristo faz a oração do Pai nosso? Lembre-se que, quando ensinou o

Pai nosso, Jesus estava ensinando judeus a orarem, não a convertidos ao evangelho!

Quem está em Cristo, não precisa orar pedindo ao Pai que santifique o seu nome, pois já santificou a Cristo como Senhor em seu coração, quando creu que Jesus é o Cristo. Já não é necessário pedir que venha o reino de Deus, pois crê que Cristo é o reino dos céus entre os homens, que trouxe salvação a todos os povos. Não precisa pedir pão, pois é participante de Cristo, ou seja, comeu do pão e bebeu da água concedida por Deus, de modo que não terá mais fome e nem sede. Já não precisa pedir perdão das ofensas, pois já não resta nenhuma condenação por estar em Cristo.

## **Perdão**

“Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.” (Mt 6:14-15)

Para interpretar esses dois versos, devemos considerar:

- a) denotação: sentido real, literal da frase, ou o estado de coisas que a frase afirma ser o caso;
- b) conotação: a associação subjetiva, cultural e/ou emocional, que está para além do significado estrito ou, literal de uma palavra, frase ou, conceito ou, seja, diz dos sentimentos, ideias ou emoções provocadas pela frase no auditor, e;
- c) ênfase: refere-se ao grau de importância que o autor atribui aos diferentes elementos constitutivos da frase.

Portanto, a instrução de Jesus, com relação ao perdão às ofensas dos outros, deve ser analisado, segundo os princípios estampados nos versos 43 à 48, do capítulo 5, de Mateus ou, segundo os princípios de Lucas 6, versos 32 à 36. Observe:

“E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem

bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também, os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto. Amai, pois, a vossos inimigos e fazei bem e emprestai, sem nada esperardes e será grande o vosso galardão e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno, até para com os ingratos e maus. Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6:32-36)

Analisando os versos acima, do ponto de vista denotativo, o que é ensinado? Que o perdão de Deus só é concedido àqueles que perdoam? Que o perdão de Deus está condicionado ao perdão que os homens dispensam aos seus semelhantes? Que os ouvintes de Jesus tinham que primeiramente perdoar as ofensas dos seus semelhantes para só, então, alcançarem o direito de serem perdoados por Deus?

Sabemos que o perdão que Deus dispensa aos homens tem por base a sua misericórdia e graça, manifesta em Cristo (Rm 4:7; Ef 4:32), o dom de Deus, portanto, é contrário interpretar os versos 14 e 15 de Mateus 6, como se o perdão de Deus estivesse atrelado ao perdão que o homem primeiro dispensa aos seus semelhantes.

Sendo assim, analisemos o seguinte verso bíblico, na língua grega:

“Ἐὰν γὰρ ἀφῆτε τοῖς ἀνθρώποις τὰ παραπτώματα αὐτῶν, ἀφήσει καὶ ὑμῖν ὁ πατὴρ ὑμῶν ὁ οὐράνιος.” Mt 6:14 [TextusReceptus (Elzevir) (1624)]

“se [2] Pois [1] perdoardes às pessoas as ofensas delas, perdoará também a vós o Pai [2] vosso [1] o celeste” (Mateus 6:14).

O mesmo verso, sem ponto e vírgula:

“Ἐαν γαρ αφηται τοις ανθρωποις τα παραπτωματα αυτων αφησει και υμιν ο ΠΗΡ ὑμων ο ουρανιος” Mt 6:14 [Codex Washingtonianus (W or 032) (5th century)]

Nas nossas Bíblias, a oração do Pai nosso termina com um ‘amém’, porém, em muitos manuscritos do Novo Testamento não há o ‘assim seja’ encerrando o ensinamento acerca de como orar. Há que se considerar que os antigos manuscritos do Novo Testamento não possuíam sinais de pontuação como:



vírgula, ponto final, interrogação, exclamação, etc., e, que esses sinais foram introduzidos muito mais tarde.

Considerando o que é ensinado na oração do Pai nosso, de que quem roga a Deus pelo perdão das ofensas, espera que Deus o faça graciosamente (como perdoamos os nossos devedores), não se pode aquiescer de uma ideia prescritiva de comportamento, de que Jesus estava ensinando que Deus só perdoa àqueles que perdoam aos seus semelhantes.

Já explicamos que, o ‘assim como’, estampado na oração do ‘Pai nosso’, com relação ao perdão (perdoamos os nossos devedores), introduz a ideia de gratuidade, não de dívida, pois se o homem perdoar ou não quem o ofende, Deus nada deve ao homem. (Jó 35:7-8)

“Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão, segundo a graça, mas, segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça.” (Rm 4:4-5)

O ‘assim como perdoamos os nossos devedores’ não é elemento que torna o homem merecedor do perdão divino e nem estabelece uma dívida de Deus para com os homens, antes, indica a base do perdão divino: benevolência, gratuidade.

Antes de abordar as questões relacionadas à religiosidade dos judeus, como esmolas e orações, a ordem expressa de Cristo para os seus ouvintes era para que fossem ‘perfeitos’, ou seja, ‘misericordiosos’ como o Pai celeste, portanto, após questionar as práticas religiosas (esmolas e oração) dos líderes judaicos e ensinar o ‘Pai nosso’, o que se segue são perguntas que exigem dos ouvintes de Jesus respostas, segundo a perfeição divina (que faz que o sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos), e não uma ordem que estabeleça uma barganha pelo perdão divino.

O núcleo da indagação dos versos 14 e 15 de Mateus 6, ou seja, a ênfase, retoma a ideia abordada anteriormente: *‘Se vocês amam somente os que vos amam e cumprimentam somente os que vos cumprimentam, não fazem os publicanos e os gentios o mesmo?’*, pois, se os ouvintes de Jesus desejavam entrar nos céus, não podiam se contentar com práticas semelhantes às dos escribas e fariseus; além do mais, não estavam fazendo nada de mais, se comparada as práticas dos ouvintes às práticas dos seus líderes, os publicanos e gentios!

A partícula 'se', no verso 14, de Mateus 6, introduz uma argumentação conclusiva, com base no que já foi exposto, não um mandamento a ser observado, que represente uma espécie de barganha com Deus, para alcançar o Seu perdão.

A ideia expressa é: Se os ouvintes de Jesus (homens falhos) perdoavam as ofensas dos seus semelhantes, o Pai celeste também haveria de perdoá-los!

“se [2] Pois [1] perdoardes às pessoas as ofensas delas, perdoará também a vós o Pai [2] vosso [1] o celeste”.

Esse argumento será repetido no capítulo 7, do seguinte modo:

“Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mt 7:11)

Se os ouvintes de Jesus, sendo maus, perdoavam as ofensas dos seus semelhantes, o Pai celeste, também, haveria de perdoá-los!

Como interpretar o verso 15?

“ἐὰν δὲ μὴ ἀφῆτε τοῖς ἀνθρώποις, [τὰ παραπτώματα αὐτῶν] οὐδὲ ὁ πατὴρ ὑμῶν ἀφήσει τὰ παραπτώματα ὑμῶν” Westcott/Hortwith Diacritics.

“se[2] mas[1] não perdoardes às pessoas, nem o Pai[2] vosso[1] perdoará as ofensas[2] vossa[1]” (Mateus 6:15).

Com base no verso 45, do capítulo 5 de Mateus: “Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos”, se os ouvintes de Jesus não perdoassem as pessoas, considerando que Deus é perfeito, seria o caso de ‘nem mesmo’ (οὐδὲ) Deus perdoá-los?

Vale destacar que o ensinamento do apóstolo Paulo às igrejas, no quesito perdão, difere da temática do ensinamento de Jesus à multidão, visto que os públicos alvos das mensagens são diferentes: Cristo falava por parábolas ao povo, enquanto que o apóstolo Paulo falava abertamente aos cristãos.

O apóstolo Paulo exorta os cristãos a perdoarem uns aos outros, sendo benignos e misericordiosos. Entretanto, já estavam perdoados por Deus, através de Cristo e precisavam tomar Cristo como exemplo, perdoando os irmãos. Em momento

algum é posta a condição de ser necessário perdoar o outro para ser perdoado.

“Suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também.” (Cl 3:13)

“Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como, também, Deus vos perdoou em Cristo.” (Ef 4:32).

Os cristãos, também, são exortados a terem paz, uns com os outros, e com relação aos não cristãos, se depender do cristão, que tenham paz com todos os homens:

“Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens” (Rm12:18);

“Tende paz entre vós.” (1 Ts 5:13)

Diferentemente, Jesus demonstra aos seus interlocutores que, se queriam ser perfeitos, ou seja, obterem justiça superior à dos escribas e fariseus, deveriam imitar a Deus como filhos, que faz vir chuva sobre bons e maus.

## O jejum

“E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados, como os hipócritas; porque desfiguram os seus rostos, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade, vos digo que já receberam o seu galardão. Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto, para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará, publicamente” (Mt 6:16-18).

A questão do jejum é a última prática religiosa dos judeus que Jesus aborda e deve ser analisado, através das mesmas premissas que analisamos a esmola e a oração.

Devemos considerar a ordem para serem perfeitos e misericordiosos:

“Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:48), ou;

“Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6:36).

Em que os judeus eram diferentes dos gentios e publicanos, quando davam donativos, se os gentios e os publicanos faziam o mesmo? Em que os judeus eram diferentes dos gentios e publicanos, se os judeus, semelhantemente, aos gentios e publicanos, oravam se utilizando de vãs repetições? Como os jejuns dos judeus se diferenciavam dos jejuns dos publicanos, que eles consideravam pecadores?

Após informar aos seus ouvintes, que era impossível entrarem no reino dos céus se não alcançassem justiça superior à dos escribas e fariseus, e abordar a questão da esmola e da oração, Jesus faz uma observação, acerca do jejum praticado pelos escribas e fariseus.

Quando jejuavam, os escribas e fariseus, simplesmente, se ocupavam em desfigurar os seus rostos (fazer cara fechada), para que os outros percebessem que eles estavam em jejum; os escribas e fariseus, nem mesmo lavavam e ungiam a cabeça, segundo o costume, para demonstrarem a sua devoção e religiosidade.

Nesse sentido, Jesus alerta os seus ouvintes a não jejuarem para serem notados pelos homens, mas que não se mostrassem contristados, quando jejuassem, pois Deus tudo vê. Os ouvintes de Jesus deveriam se portar, naturalmente, quando jejuassem: lavar o rosto, ungir a cabeça, alegrar o semblante, etc.

O jejum era uma prática religiosa muito utilizada pelos escribas e fariseus, tanto que questionaram Jesus sobre o motivo dos seus discípulos não jejuarem, e inclusive, compararam os discípulos de Cristo, com os discípulos de João Batista.

“Disseram-lhe, então, eles: Por que jejuam os discípulos de João muitas vezes e fazem orações, como, também, os dos fariseus, mas os teus comem e bebem?” (Lc 5:33).

A resposta de Jesus foi surpreendente:

“Podeis vós fazer jejuar os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?” (Lc 5:34).

O que é o jejum? O jejum é contristar-se diante de Deus e foi instituído por Deus, atrelado ao dia de descanso, ou seja, um sábado (dia aprazível ao Senhor Deus).

“É um sábado de descanso para vós e afligireis as vossas almas; isto é estatuto perpétuo.” (Lv16:31).

O ‘afligir’ da alma, ou seja, o jejum, não é uma prática que infligisse ao corpo a algum tipo de sofrimento, como flagelo, abstenção, ascetismo, etc. Por outro lado, as ervas amargas já tinham o viés de lembrá-los do sofrimento do Egito e que Deus, com mão forte, os resgatou da servidão.

Os filhos de Israel deveriam afligir a alma, não o corpo. O que seria afligir a alma? Reconhecer a sua real condição, diante de Deus, a partir do exposto em sua palavra, não a partir de convicções próprias.

Não encontramos no Pentateuco uma ordem expressa de Deus para que o povo jejuasse, antes, deveriam afligir a alma.

Um filho de Jacó afligiria a alma no momento que reconhecesse que não foi por causa de suas justiça que Deus resgatou os filhos de Israel do Egito, mas, sim, porque Deus cumpriu o prometido a Abraão (Dt 9:4-6). Reconhecer a sua real condição, diante do que Deus revela e passar a agir conforme a palavra de Deus, é afligir a alma.

Mas, com o passar do tempo, o que deveriam considerar segundo a palavra Deus, tornou-se um elemento de culto e, em vez de afligirem a alma, passaram a não comer, não lavar o rosto e nem a utilizar perfume, o que designaram por jejum.

Jejuar, ou melhor, afligir a alma não consiste em ficar cabisbaixo, moribundo, melancólico, etc., ou, sem lavar o rosto, sem ungir a cabeça ou, sem se alimentar.

“Seria este o jejum que eu escolheria, que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazível ao SENHOR?” (Is 58:5)

Observe a repreensão de Deus, por intermédio do profeta Isaías, de que o verdadeiro jejum não consistia em ficar cabisbaixo, antes seria deixar de ser altivo, de dura cerviz. Jejuar, também, não consistia em deitar-se sobre pano de saco ou sobre cinzas, antes é humilhar-se a si mesmo, fazendo-se servo de Deus.

Deus nunca chamou o ato de andar cabisbaixo ou, de deitar-se sobre saco e cinza, como jejuar ou, como afligir a alma. O verdadeiro jejum se dá quando o homem considera a sua condição de dura cerviz e abaixa a cabeça, sujeitando-se ao jugo

de Deus, ou seja, reconhecendo a sua condição e se fazendo servo, obedecendo à palavra de Deus.

Os filhos de Israel confundiam o ato de jejuar com o afligir a alma (Is 58:3). Reclamavam que jejuavam e Deus não atendia, porém, Deus nunca requereu que jejuassem, ficando sem comer, cabisbaixos, vestindo pano de saco ou, assentando-se em cinzas. (Is 58:5)

O verdadeiro Sábado (dia) de jejum, não visava chamar a atenção de Deus para as desventuras diárias daqueles que jejuassem, antes, o jejum demandava obediência a Deus, cuidando em soltar os cativos do pecado, as ataduras que prendem o homem ao jugo da servidão, que é a morte.

Deus ordena a quem jejua que distribua pão ao faminto. Jejuar é distribuir pão gratuitamente? Deus não estava falando de pão cotidiano, quando apontou o jejum verdadeiro. O pão dos verdadeiros israelitas diz da salvação, que há em Deus, que dá liberalmente aos pobres de espírito pão e vestes de justiça aos nus.

“Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os oprimidos e despedaces todo o jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras e não te escondas da tua carne?” (Is 58:6-7);

“Conforme está escrito: Espalhou, deu aos pobres; A sua justiça permanece para sempre” (2 Co 9:9; Sl 102:9);

“Dizendo: Por que jejuamos nós e tu não atentas para isso? Por que afligimos as nossas almas e tu não o sabes? Eis que no dia em que jejuais, achais o vosso próprio contentamento e requereis todo o vosso trabalho” (Is 58:3).

O verdadeiro jejum não era ficar com fome, mas abrir a alma ao faminto. Faminto de que? Ao faminto de justiça! O faminto se farta do pão providenciado do Deus que é dado a qualquer que tenha fome e sede de justiça.

“E se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita; então, a tua luz nascerá nas trevas e a tua escuridão será como o meio-dia.” (Is 58:10; Is

55:1-3).

Como se abre a alma ao faminto? Anunciando as palavras de Deus: que Ele fez uma aliança perpétua, ao prometer o Cristo a Davi. (Is 55:3)

O jejum, como o afligir da alma, assim, como todos os elementos instituídos pela lei, era sombra de uma realidade, que remete a Cristo. Cristo é Senhor do Sábado, a alegria do Senhor, portanto, em Cristo o homem já entrou no repouso (descanso) de Deus, que o sábado na Antiga Aliança representava.

“Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas” (Hb 4:10);

“PORQUE tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem, cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam.” (Hb 10:1)

A festa anual de expiação, no dia dez do sétimo mês, era uma festa de jejum (Lv 16:29). Era um dia de descanso, ou seja, um sábado, que poderia ser qualquer dia da semana, pois era o décimo dia do sétimo mês (Lv 16:31). Como Deus ouve o aflito que clamar (Lv 22:23), quando foi dito para afligir a alma, Deus estava conclamando os filhos de Israel a clamarem ao Senhor, confiando em sua misericórdia (Jl 2:32), não para ficarem sem comer, pois era um dia de festa ao Senhor e nesses dias havia muita comida e bebida.

Ao instruir aos seus ouvintes para não se mostrarem contristados, quando jejuassem, Jesus estava dando elementos para que questionassem as práticas dos seus líderes religiosos e, concomitantemente, fazer uma releitura do que é o jejum exigido por Deus. (Mt 6:16)

Quando os ouvintes de Jesus jejuassem, deveriam lavar o rosto e ungir a cabeça com óleo, ou seja, manterem-se de semblante alegre. Se não parecia aos homens que jejuavam (Mt 6:18), mas a Deus, certo é que haveriam de compreender o exposto pelo profeta Isaías.

“Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?” (Is 58:6-7)



[1]“1654 ελεημοσυνη *eleemosune* de 1656; TDNT - 2:485, 222; n f 1) *misericórdia, piedade* 1a) *esp. como exibido no dar esmola, caridade* 2) *o benefício em si mesmo, doação ao pobre, esmola*”. Dicionário Bíblico Strong.

*ESMOLA* - “*eleémosuné (ἐλεημοσύνη), relacionado com eleemon, “misericordioso”, significa: (a) “misericórdia, piedade, particularmente em dar esmolas” (Mt 6.1,2,4; At 10.2; 24.17); (b) o próprio ato de caridade, as “esmolas” — o efeito pela causa (Lc 11.41; 12.33; At 3.2,3,10; 9.36; 10.2,4,31-’H Nota: Em Mt 6.1, traduzindo dikaiosune, de acordo com os textos mais autênticos, temos “justiça” (ARA)*” Dicionário VINE, pág. 613.

*“A palavra “justiça”, também, engloba tudo o que Deus espera do Seu povo. Os verbos associados com “justiça” indicam a praticabilidade desse conceito. A pessoa julga, trata, sacrifica e fala com justiça: e a pessoa aprende, ensina e busca a justiça, fundamentado num relacionamento especial com Deus. O santo do Antigo Testamento pedia a Deus que o tratasse com justiça: “O Deus, dá ao rei os teus juízos e a tua justiça, ao filho do rei” (SI 72.1). A Septuaginta dá às seguintes traduções: dikaios (“aqueles que são retos, justos, íntegros, que se conformam com as leis de Deus”): dikaiosune (“justiça, retidão” ): e eleemosune (“escritura de terra, esmola, doação de caridade”). Dicionário VINE, pág. 163.*

---

## **João 3 - Necessário vos é nascer de novo**

É Deus quem faz todas as coisas! Se o homem desconhece como se dá as maravilhas da natureza (coisas naturais), como o caminho dos ventos, como



entenderá o novo nascimento, se o nascer de novo é obra de Deus? “... assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas” ( Ec 11:5 ), ou seja: “Assim é todo aquele que é nascido de Deus” ( Jo 3:8 ).

---

## **Necessário vos é nascer de novo**

### A Função dos Milagres

“Havia entre os fariseus um homem chamados Nicodemos, um dos principais dos Judeus. Este foi ter com Jesus de noite, e disse: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus. Pois ninguém poderia fazer estes sinais miraculosos que tu fazes, se Deus não fosse com ele” ( Jo 1:1 -2)

Entre os Judeus havia um mestre do judaísmo de nome Nicodemos. Ele era fariseu e foi encontrar-se com Jesus à noite. Neste encontro, surpreendentemente Nicodemos chamou Jesus de ‘Rabi’, ou seja, Mestre. Tal reconhecimento vindo da parte de um juiz, ou de um mestre em Israel era para deixar qualquer um dentre os homens lisonjeado.

Mas, por que Nicodemos chamou Jesus de Mestre? Em sua abordagem inicial Nicodemos fez a seguinte afirmação: “Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele” ( Jo 3:2 ).

Nicodemos entendeu que Jesus era mestre por causa dos milagres que estavam sendo realizados. Nicodemos ao ter noticia dos milagres realizados por Jesus entendeu que Ele era Mestre, porém, um mestre enviado por Deus, o que tornava Jesus distinto de todos os outros mestre em Israel.

Quem poderia realizar os milagres que Jesus estava realizando sem o auxilio do dedo de Deus? O próprio Nicodemos responde: Ninguém poderia realizar estes sinais que Tu fazes! A análise de Nicodemos é totalmente válida, e a conclusão também ( Jo 5:36 ).

Nicodemos venceu uma grande barreira ao concluir que Jesus era Mestre vindo

de Deus, e esta conclusão impulsionou Nicodemos a ter um encontro com Cristo à noite. Outros fariseus tiveram encontro com Cristo à luz do dia, porém, movidos de hipocrisia, querendo pegar Jesus nalguma contradição.

Após analisar a pessoa de Jesus através dos milagres que Ele operava, Nicodemos foi até Jesus e expôs a sua conclusão:

- Jesus era Mestre;
- Enviados por Deus, visto que::
- Ninguém poderia realizar tal milagres, se Deus não estiver com ele.

Nicodemos não foi atrás de um milagre, antes queria saber mais sobre Aquele que operava milagres.

Sabemos que Deus possui todo poder, e que milagres não são maravilhas superior a própria obra da criação. Não há milagres que supere a obra criativa de Deus, tais como: a vida, o universo, etc. Tudo é um milagre, pois todas as coisa foram operadas maravilhosamente através do poder de Deus.

A função precípua de um milagre é despertar o homem a conhecer o seu Criador. Qualquer uso ou discurso que se faz fora desta tônica desvirtua o 'testemunho' que Deus dá acerca d'Ele, para que o homem procure se aproximar de Deus ( Hb 2:4 ).

Milagres não é o primordial na vida do homem, antes é preciso ter em mente que os milagres são a confirmação de Deus do que foi anunciado pelos profetas e por Cristo. É preciso crer em Deus que opera maravilhosamente, e não nas maravilhas operadas. O homem precisa estar focado na mensagem de Deus, e não nas maravilhas que Dele procedem.

### A Doutrina de Cristo

*“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus” ( Jo 3:3 )*

Embora reconhecesse Jesus como sendo Mestre da parte de Deus, Nicodemos desconhecia a doutrina de Cristo. O milagre foi à causa primária da conclusão de Nicodemos de que Cristo havia sido enviado por Deus, porém, Nicodemos

precisava ouvir a doutrina do Mestre enviado .

Nicodemos estava focado na qualidade de Mestre daqueles que era enviado de Deus e operava milagres que ninguém poderia operar, se Deus não fosse com Ele “... porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele”.

Qual não foi a surpresa de Nicodemos quando Cristo lhe respondeu: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus” ( Jo 3:3 ).

A estratégia de evangelismo de Jesus é a mesma adotada por João: os milagres tinham a função de demonstrar aos homens que Jesus era o enviado de Deus. Uma vez que Nicodemos já havia reconhecido que Cristo era Mestre enviado por Deus “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus...”, Jesus chama a atenção de Nicodemos para o primordial, o novo nascimento “... e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” ( Jo 20:31 ).

Os milagres deixam de ter importância quando a verdade vem à tona e Nicodemos pergunta: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” ( Jo 3:4 ). Nicodemos não contesta a informação dada pelo Mestre enviado por Deus, antes se preocupou em entender a dinâmica do ‘novo nascimento’, ou da doutrina de Cristo.

Por estar vetado o reino dos céus àqueles que não nasceram de novo, Nicodemos ficou preocupado, uma vez que ele já era velho. Haveria um milagre extraordinário que tornaria possível Nicodemos voltar ao ventre materno para que ele pudesse nascer de novo, mesmo sendo velho?

O fariseu Nicodemos, seguidor de um seguimento mais severo da religião judaica, ao ser informado que não tinha direito de ver o Reino de Deus, deveria soar no mínimo como absurdo. Nicodemos poderia ter rejeitado de pronto a doutrina de Jesus, já que ele, além de ser fariseu, era um representante do melhor da nação e da religião judaica.

Fica claro que ser judeu ou gentil, ser fariseu ou de qualquer outro seguimento religioso, ser mestre ou leigo, ser juiz ou réu, não habilita ninguém a ter acesso ao Reino de Deus. Antes, todos, indistintamente precisam nascer de novo.

Em nossos dias há muitas pessoas que querem conhecer Cristo através de milagres e maravilhas, mas que não busca a sua palavra *“Mas, se não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?”* ( Jo 5:47 ).

Nicodemos foi além dos milagres operados por Cristo *“porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele”*, e suportou a doutrina de Cristo, mesmo ela demonstrando que a sua condição não lhe dava direito ao reino dos céus.

Ao falar da necessidade do novo nascimento Cristo demonstrou que ser judeu, fariseu, mestre ou religioso, não habilita ninguém a ter acesso ao reino de Deus. É sobre estes aspectos que comentaremos o novo nascimento: Por que devemos passar pelo novo nascimento? O que é esse novo nascimento? O homem consegue nascer de novo sem a participação de Deus?

### A Universalidade da Mensagem

*“Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”* ( Jo 3:3 )

A resposta de Jesus a abordagem de Nicodemos é taxativa e universal.

É taxativa porque se não for satisfeita a exigência, não há como o homem ver o Reino de Deus. É universal por englobar toda humanidade.

Visto que o novo nascimento é uma necessidade que abrange todos os homens, podemos inferir que a salvação não diz de uma restauração moral, nem tão pouco de uma restauração física. Se assim fosse, os homens de moral mais elevada não necessitariam do novo nascimento.

Através da declaração de Jesus vemos que, tanto aqueles que possuem, quanto os que não possuem qualidades e méritos, precisam do novo nascimento. Nicodemos é um exemplo claro desta verdade.

Nicodemos era membro do Sinédrio, supremo tribunal dos Judeus ( Jo 3:1 ). Ele era um dos mestres em Israel ( Jo 3:10 ). Era membro também de uma das mais severas seitas do judaísmo, o farisaísmo ( Jo 3:1 ). Perante a sociedade, os da seita do farisaísmo eram tidos por justos, pelo comportamento distinto que

apresentavam ( Mt 5:20 ).

Mas, apesar de todas as suas qualidades pessoais (moral, caráter e comportamental), Nicodemos precisava nascer de novo, assim como qualquer outro homem desprovido de qualidades e méritos.

A abordagem de Jesus deixa evidente que os valores que os homens tanto primam (prezam) seguir não operam e nem mesmo promovem o novo nascimento.



Jesus demonstrou que todos os homens precisam do novo nascimento, ou seja, é imprescindível o novo nascimento para se ver e ter acesso ao Reino de Deus.

Desta forma, verifica-se que o novo nascimento não está vinculado aos princípios em que as relações humanas se firmam.

O homem procura aprovação na religião, na sua origem, no comportamento, na moral, no caráter, na justiça própria, na justiça humana e até mesmo através dos sacrifícios, mas estas coisas também não promovem o novo nascimento.

Geralmente as religiões propõem uma melhora ou uma mudança no caráter e no comportamento do homem, o que é proveitoso para as relações humanas, porém, tal proposta não possui valor algum na obtenção da salvação.

Nicodemos era o melhor que a sociedade da época podia apresentar, mas a resposta de Jesus deixa implícito que o Reino de Deus não é conquistado por questões pertinentes a este mundo.

### Como Nascer Novamente?

**“Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Poderá voltar ao ventre da sua mãe e nascer?” ( Jo 3:4 )**

A resposta de Jesus mudou as convicções de Nicodemos sobre como alcançar a salvação, visto que, até aquele momento ele acreditava que tinha direito ao reino de Deus por ser descendente (filho) de Abraão ( Mt 3:9 ; Jo 8:33 ).

Quando ele soube que era necessário um novo nascimento para ter acesso ao o

reino de Deus, questionou: Como pode um homem velho nascer novamente? É possível que ele volte ao ventre materno para novamente nascer?

Ao preocupar-se em como um velho poderia nascer novamente, vemos que Nicodemos despiu-se de seus méritos e posições. Ele poderia ter perguntado como era possível alguém na posição de juiz, ou de mestre nascer de novo, mas diante de Jesus, Nicodemos viu a sua real posição: um homem já velho, que carecia de salvação (novo nascimento)!

§

A conjectura de Nicodemos é descartada: 'Poderá voltar ao ventre materno, e nascer?', uma vez que o novo nascimento não tem relação com a descendência humana (maternidade ou paternidade).

Mesmo após ser descartada a conjectura de Nicodemos, ela nos auxilia na compreensão do sentido exato da palavra 'nascer' quando empregada por Jesus neste capítulo.

Quando Jesus falou da necessidade do novo nascimento, a ideia primária da palavra 'nascer' permaneceu a mesma (foi preservada).

Nascer ou nascimento refere-se à chegada de um novo ser ao mundo. Diz do início de uma nova vida neste mundo pleno da mesma vida que há em seus pais (natureza).

Se Nicodemos entendeu que, para ocorrer o novo nascimento era preciso voltar ao ventre materno, podemos inferir que o sentido exato da palavra 'nascer' utilizado por Jesus não diz de uma reforma na natureza do homem. Ela também não diz de uma possível recuperação moral e comportamental do homem. Não diz de uma conformidade. Não diz de uma reversão de atitude. Não é uma revitalização de uma vida que se extingue, etc.

Quando Jesus disse que é preciso nascer de novo, ele falou da vinda de um novo ser a existência pleno da vida que há em Deus, e de posse da natureza divina.

Jesus falou de uma 'nova geração', ou seja, de uma nova criação. Da mesma maneira que a palavra nascimento diz da vinda de um ser ao mundo pleno da vida que há em seus pais, o novo nascimento diz da criação de um novo ser pleno da vida que há em Deus.

## Água e Espírito

“Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” ( Jo 3:5 )

A resposta de Jesus satisfaz a seguinte pergunta: “*Como pode nascer um homem, sendo velho?*” A resposta é precisa: o novo nascimento é por meio da água e do Espírito!

Para entendermos a resposta de Jesus é preciso saber que a doutrina apregoada por Ele em nada difere da mensagem apregoada na lei e pelos profetas.

Sabemos que a lei nunca pode aperfeiçoar ninguém por conter somente a sombra dos bens futuros ( Hb 10:1 ). Porém, ela sempre apontou a necessidade da circuncisão do coração.

O que a lei propunha era impossível o homem alcançar por meio dela, visto que, a própria lei estava enferma pela carne ( Rm 8:3 ). A lei somente serviu de ‘tutor’ para conduzir o homem a Cristo ( Gl 3:24 ), ou seja, ao apontar a necessidade da circuncisão do coração, a lei conduz o homem a Cristo, pois somente nele é possível alcançar circuncisão através do despojar do corpo da carne: a circuncisão de Cristo ( Cl 2:11 ).

Podemos extrair uma grande lição da lei: ela foi escrita em tábuas de pedras e entregue ao povo, mas, não pode aperfeiçoar ninguém, visto que, mesmo após a entrega da lei, Moisés continuou apregoando a necessidade da circuncisão do coração ( Dt 10:16 ; 30:6 ; 2Co 3:3 e 7).

Caso a lei fosse essencial para a salvação do homem não haveria a necessidade de Moisés apregoar a circuncisão do coração. Conclui-se que, a lei entregue em tábuas de pedra não operou a transformação necessária no coração do povo, visto que, eles ainda precisavam da circuncisão do coração.

A ação divina nunca foi por intermédio da lei, visto que, a mensagem de Deus sempre foi: “*Ouve, ó Israel...*”, pois a fé é o único meio de se chegar a Deus ( Rm 10:17 ). Caso ouvissem a voz de Deus, haveria uma mudança radical neles:

deixariam de ter um coração de pedra e passariam a ter um coração de carne ( Dt 11:18 ; Jr 4:4 ).

A intervenção divina na vida do povo só ocorreria no momento em que eles ouvissem e gravassem a lei em seus corações. A circuncisão é uma ação divina por meio da sua palavra ( Dt 30:6 -8).



O profeta Ezequiel sobre este assunto disse o seguinte: “Então espargirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis” ( Ez 36:25 -27).

O mestre Nicodemos já conhecia esta passagem bíblica. Há muito que ele lia acerca da promessa de uma nova vida (um novo coração e um novo espírito), porém, não conseguia abstrair a essência do que Deus propôs.

Para alcançar a nova vida é necessário que o próprio Deus venha a espargir água pura sobre o homem (“EU” espargirei água pura sobre vós).

A doutrina de Jesus somente tornou evidente o que estava registrado nos profetas: nascer da água e do Espírito é o mesmo que Deus espargindo água pura sobre o homem. Somente Deus pode conceder um novo coração e um novo espírito, ou seja, uma nova vida ao homem!

Nascer da água é o mesmo que nascer da palavra: Jesus é o Verbo de Deus, ou seja, a Palavra encarnada ( Jo 1:14 ). Sobre este aspecto Paulo escreveu: “Para santificá-la, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra...” ( Ef 5:26 ); “Se alguém tem sede, vem a mim e beba” ( Jo 7:37 ). Jesus é a água que produz vida naqueles que são purificados por Ele, ou seja, naqueles que creem.

Nascer do Espírito é o mesmo que nascer de Deus, visto que, Deus é Espírito e aqueles que d’Ele são nascidos recebem um novo espírito e um novo coração. Portanto, “...o que é nascido do Espírito é espírito” ( Jo 3:6 ), e os que creem recebem poder para serem feitos filhos de Deus! Ora, se o homem crê, da



plenitude de Deus já recebeu ( Jo 1:16 ; Cl 2:7 -8). Passa a ser participante da natureza natureza divina ( 2Pe 1:4 ).

Quem crê na Palavra encarnada como diz as Escrituras, do seu interior terá rios de água viva fluindo, ou seja, isto foi dito: “... do Espírito que haviam de receber os que nele cressem” ( Jo 7:37 -39), o nascer do Espírito.

Há uma ordem específica para se nascer de novo? Sim! Primeiro o homem nasce da água, depois do Espírito! Como?

Primeiro o homem precisa da Palavra de Deus para que possa crer, ou seja, para crer, primeiro é preciso ouvir (ser espargido por Deus com água limpa), e então, virá a fé que faz o homem receber poder para ser feitos (criados) filhos de Deus “Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é Poder de Deus para a Salvação de todo aquele que crê” ( Rm 1:16 ).

O homem só tem acesso ao poder de Deus depois que ouve a palavra da verdade, conforme Paulo escreveu a Tito: “... Ele nos salvou mediante a lavagem da regeneração e da renovação pelo Espírito Santo” ( Tt 3:5 ).

Paulo ao escrever a Tito demonstra que Deus lava e renova o homem por meio da palavra e do seu Espírito, ou seja, ele reafirma o que foi dito por Ezequiel: (“EU” “espargirei água pura sobre vós...”).

Através da Palavra de Deus, que é água pura espargida sobre o pecador, ocorre a lavagem da regeneração. Os que de Deus são nascidos, são renovados pelo Espírito Eterno, recebendo um coração de carne em lugar do coração de pedra e um novo espírito ( Sl 51:10 ).

### O Primeiro e o Último Adão

“Ele porém respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada” ( Mt 15:13 )

Há distinções claras entre nascimento e o Novo Nascimento. Enquanto este é por meio de Jesus Cristo, àquele decorre de Adão. Através do Novo Nascimento o homem adquire a natureza divina, enquanto através do nascimento, o homem adquire a natureza decaída de Adão.

O nascimento do homem natural está vinculado à natureza Adâmica e o novo nascimento à natureza de Cristo, o último Adão ( 1Co 15:45 ).

O nascimento do homem decorre da vontade da carne, da vontade do varão e do sangue e o novo nascimento se dá por meio da Palavra de Deus (água) e pelo Espírito de Deus.

O 'novo' nascimento dá origem ao novo homem, ou ao homem espiritual, e o nascimento dá origem ao velho homem, ou ao homem carnal **"Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual"** ( 1Co 15:46 ).

A vontade do homem e a vontade de Deus dão origem a nascimentos distintos.

Os homens quando vêm ao mundo, nascem da vontade do homem, do sangue e da carne: este é o primeiro nascimento. É o nascimento do homem natural, segundo Adão.

O novo homem ao nascer, nasce da vontade de Deus por meio da água e do Espírito: este é o novo nascimento, o nascimento do homem espiritual.

Só é possível nascer da vontade de Deus aqueles que creem em Cristo, pois estes recebem poder para serem feitos filhos de Deus e tornam-se participantes da natureza divina. Estes recebem da plenitude que há em Cristo ( Cl 2:10 ; Ef 4:19 e Jo 1:16 ).

O novo nascimento só ocorre por meio da fé no Filho de Deus; não há outra maneira de se alcançar a filiação divina.

Todos os homens nascidos de Adão são plantas que Deus não plantou, visto que todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus. As plantas que o Pai 'planta' são aqueles que creem em Cristo. Estes não serão arrancados, e permanecem para sempre.

Outra figura que ilustra o nascimento e o novo nascimento é a parábola dos dois caminhos. O nascimento é porta de entrada tanto para o caminho largo, quanto para o caminho estreito. Quando nascido de Adão, o homem entra pelo caminho largo, quando nascido de novo em Cristo, o homem entra pelo caminho estreito.

Da mesma forma, os vasos para honra são feitos em Cristo, e os vasos para desonra feitos em Adão. Tanto os vasos para honra, quanto os para desonra são

feitos da mesma massa.

Se o homem quiser nascer de novo, é preciso entrar pela porta estreita, e será feito vaso para honra.

### O Que é Nascido...

“O que é nascido da carne, é carne, mas o que é nascido do Espírito, é espírito” ( Jo 3:6 )

Nicodemos fez duas perguntas: ‘Como pode um homem nascer, sendo velho?’, e ‘Poderá este homem voltar ao ventre materno?’.

A resposta à primeira pergunta foi: um homem poderá nascer de novo da água e do Espírito. Já a segunda pergunta é esclarecida através da seguinte afirmação: “O que é nascido da carne, é carne, mas o que é nascido do Espírito, é espírito” ( Jo 3:6 ).

Após esclarecer que o novo nascimento é por meio da palavra (água) e do Espírito (Deus), Jesus desfaz a confusão de Nicodemos que pensou ser o novo nascimento decorrente de filiação terrena.

O nascimento proveniente do ventre materno só produz homens carnais, ou seja, a carne só pode produzir carne. Em contra partida, aqueles que são nascidos de Deus (Espírito), estes são espirituais.

Enquanto o mundo vive a procura de uma espiritualidade através de sacrifícios, meditações, orações, promessas, oferendas, esmolas, etc, Jesus demonstra que estas coisas são inócuas na tentativa de se alcançar a nova vida.

Ao estabelecer que os nascidos da carne, são carnais, e os nascidos de Deus, são espirituais, é fácil distinguir quem é carnal e quem é espiritual: todos os homens ao nascerem são carnais. Todos os homens nascem de uma semente corruptível, a semente de Adão, e portanto, são carnais.

Todos os homens que recebem a Cristo por meio da fé, estes recebem poder para serem feitos (criados) filhos de Deus. São os nascido segundo a vontade de Deus,

e portanto, espirituais ( Jo 1:12 -13).

Ao falar com a mulher samaritana, Jesus deixa bem claro que somente os nascidos de novo, os espirituais, é que prestam uma verdadeira adoração a Deus ( Jo 4:23 -24).

### Eclesiastes

“Não te maravilhes de eu te dizer: necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito” ( Jo 3:7 - 8)

Após afirmar que os nascidos da carne são carnis, e os nascidos do Espírito são espirituais, Jesus recomenda a Nicodemos que não ficasse maravilhado com o fato de ter-lhe sido recomendado o novo nascimento.

Todos os homens precisam nascer de novo, e não importa a sua origem (descendência de Abraão), religião (a ‘melhor’), posição (social), condição moral (caráter e comportamento). Até mesmo o velho Nicodemos, sendo juiz, fariseu, hebreu de hebreu e mestre em Israel precisava nascer de novo.

Porque Nicodemos haveria de ficar maravilhado com a necessidade de nascer de novo, se ele passou a vida estudando a lei e os profetas? A citação que Jesus faz de Eclesiastes esclarece o motivo: “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da que está grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas” ( Ec 11:5 ).

Nicodemos desconhecia como Deus opera o novo nascimento da mesma forma que ele desconhecia como ocorrem todas as outras maravilhas do universo. Dois exemplos de maravilhas operadas por Deus, e que o homem desconhece são: o caminho do vento e a formação dos ossos de uma criança no ventre materno.

Todo aquele que é gerado de novo é uma obra de Deus, ou seja, todo aquele que é nascido do Espírito é uma obra criativa de Deus.

Observe que não há uma mudança no tema da conversa. Além de demonstrar a necessidade do novo nascimento, Jesus passou a explicar um novo aspecto: a impossibilidade dos homens em compreender como Deus opera as suas obras!

Jesus não estava falando da imprevisibilidade da rota dos ventos! Também não estava falando do que os cristãos haveriam de receber no dia de pentecostes! Jesus não fez referência ao batismo com Espírito Santo ao citar Eclesiastes!

Ao estabelecer uma relação entre o vento e os que são nascidos de Deus, Jesus estava demonstrando que tanto os ventos quanto os nascidos de novo são obras de Deus, e que o homem natural não entende.

Ou seja, assim como o vento, assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Tanto o vento quanto os nascidos do Espírito não depende das ações e concepções humanas. Tanto os caminhos dos ventos quanto os nascidos do Espírito os homens naturais desconhecem.

É Deus quem faz todas as coisas! Se o homem desconhece como se dá as maravilhas da natureza (coisas naturais), como o caminho dos ventos, como entenderá o novo nascimento, se o nascer de novo é obra de Deus? “... **assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas**” ( Ec 11:5 ), ou seja: “**Assim é todo aquele que é nascido de Deus**” ( Jo 3:8 ).

“Como pode ser isso?”

“**Nicodemos perguntou: Como pode ser isso?**” ( Jo 3:9 )

Nascer do Espírito é uma obra essencialmente divina! Mas, como saber de que maneira ocorre o novo nascimento, se nem mesmo os caminhos dos ventos o homem natural consegue precisar?

Este foi o único momento em que Jesus censura Nicodemos: “**Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?**” ( Jo 3:10 ). Como é possível alguém ocupar a posição de mestre e desconhecer de que maneira ocorre o novo nascimento? Muitos em nossos dias se dizem mestres, porém, desconhecem como se dá o novo nascimento, condição indispensável à salvação do homem.

A censura de Jesus não foi por causa da falta de conhecimento de Nicodemos, antes, por Nicodemos ocupar a posição de Mestre e desconhecer algo essencial para condução do povo a Deus.

Alguém que tinha a missão instruir o povo na lei e nos profetas, que estudava as

escrituras e que havia assumido a condição de mestre não saber como Deus concede uma nova vida ao homem (cria um coração puro e renova um espírito reto) Sl 51:10, restava ser censurado.

Nicodemos leu inúmeras vezes o livro de Isaías, mas não sabia como Deus haveria de vivificar o espírito e o coração do povo “Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos” ( Is 57:15 ).

O espírito e o coração dos homens haveriam de ser vivificados a partir do momento em que Deus passasse a habitar neles (nos contritos e abatidos de espírito) Mt 5:3.

Como pode ser isso? Jesus demonstrou que a compreensão de Nicodemos estava muito a quem do proposto pela Escritura. Nicodemos estava completamente enfatado na sua carnal compreensão.

### Um dos Preceitos em Israel

“Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos do que vimos; contudo, não aceitais o nosso testemunho” ( Jo 3:11 )

Nicodemos foi informado por Jesus da necessidade do novo nascimento. Também sabia que o novo nascimento é o nascer da água e do Espírito. Mas, de que maneira o homem torna-se um novo homem? O que é exigido? Depende de alguma atitude por parte do homem? Depende da moral, do caráter, de regras, da lei, da religião, etc? Como pode ser isso?

Segundo a lei de Moisés o testemunho de duas pessoas era tido como verdadeiro a ponto de condenar alguém à morte “Por boca de duas testemunhas, ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por boca de uma só testemunha não morrerá” ( Dt 17:6 ).

A lei estipulava que o testemunho de duas pessoas em Israel era equivalente à verdade, e Nicodemos como membro do Sinédrio sabia muito bem disto e de

como aplicar a lei.

Da lei surgiram inúmeros preceitos em Israel e Jesus cita um destes preceitos: “Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos...” ( Jo 3:11 ). Ou seja, dizer somente o que se sabe e testificar somente o que se viu deveria ser uma característica própria aos judeus. Ou seja, da lei decorre o preceito de testemunhar somente o que é verdadeiro.

Outro preceito foi citado à mulher samaritana: “... nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus” ( Jo 4:22 ), ou seja, os judeus consideravam que somente eles conheciam o Deus que adoravam, uma vez que a salvação viria dos judeus.

Alguns estudiosos entendem que João 3, verso 11 diz das três pessoas na divindade, e que Jesus estava falando do Pai e do Espírito Santo. Porém, este não era o tema da conversa. Jesus não estava apresentando as pessoas da divindade a Nicodemos, e sim, estava abordando a necessidade do novo nascimento.

No versículo 8 o novo nascimento é apresentado como sendo uma obra de Deus, e no versículo 11, Jesus passa a demonstrar como o novo nascimento ocorre: é preciso aceitar o testemunho de Cristo e o testemunho da Escritura (Pai).

Os judeus enfatizavam os seus preceitos e se gabavam de suas leis, porém, diante do testemunho de Cristo e da Escritura que era verdadeiro, contudo, não aceitavam o testemunho de Cristo.

¶

“Contudo, não aceitais o nosso testemunho” ( Jo 3:11 )

“Contudo...”, ou seja, apesar de haverem criado um preceito a partir da lei, as pessoas não aceitavam o testemunho de Jesus e o testemunho da Escritura (Pai).

Os ouvintes de Jesus tinham dois motivos bem fortes para aceitarem o testemunho de Jesus: primeiro, ele dizia e testificava o que tinha visto junto ao Pai, e a Escritura confirmava o testemunho de Jesus.

Com a relação estabelecida através do preceito existente em Israel, Jesus protesta a Nicodemos o fato de não aceitarem a sua palavra e o testemunho da Escritura “E o Pai, que me enviou, ele mesmo testificou de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer. E a sua palavra não permanece em vós, porque naquele que ele enviou não credes vós” ( Jo 5:36 -38).

Era dever de um Judeu dizer somente o que sabia e testificar somente o que viu, e Jesus como filho de Davi e Filho de Deus somente estava dizendo do que viu (nem vistes o seu parecer) e ouviu (nunca ouvistes a sua voz) do Pai.

Uma vez que a Escritura é o testemunho do Pai a respeito do Filho “São estas mesmas Escrituras que testificam de mim” ( Jo 5:39 ). Os milagres era uma das confirmações de Deus acerca da obra realizada pelo Filho. O que Jesus estava anunciando, Ele havia ouvido e visto junto ao Pai. ‘Contudo...’, ou seja, apesar de falarem conforme a lei, rejeitaram o testemunho do Filho.

Eles estavam rejeitando a Escritura que tanto cultuavam, e que até transformaram em preceitos! Eles estavam rejeitando o Messias esperado. Eles estavam rejeitando o pão vivo enviado por Deus que concede vida aos homens.

### Como Crereis?

“Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos falar das celestiais” ( Jo 3:12 )

O testemunho de Jesus sempre foi acerca de elementos presentes na lei e nos profetas (coisas terrestres), e mesmo sendo Ele o tema central da lei os homens não haviam crido nele ( Jo 5:46 -47). Dai vem a pergunta: como haveriam de crer em Jesus se Ele passasse a falar do evangelho (coisas celestiais)?

Jesus apresenta outro aspecto importante do novo nascimento: a fé!

O profeta Isaías há muito tempo apresentou este tema ao povo de Israel: “Quem deu crédito à nossa pregação?” ( Is 53:1 ).

A pregação é clara: ‘falei de coisas terrestres’! Qual seria o comportamento dos homens quando fosse anunciado ‘as coisas celestiais’?



Cristo é o pregador nato! Mas, quem haveria de dar crédito? Como creereis? Esta é a pergunta mais importante do diálogo.

## Provérbios

“Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu - o Filho do homem [que está no céu]” ( Jo 3:13 )

Em Deuteronômio Moisés apresentou ao povo várias promessas de redenção. Ele demonstra que a circuncisão do coração é uma obra divina ( Dt 30:6 ), e que bastava o povo dar ouvido ao anunciado por Deus.

Porém, alguns dentre o povo alegariam que tal ordenança era difícil, e Moisés complementa: “Ora, este mandamento, que hoje te ordeno, não é difícil de mais (...) Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos?” ( Dt 30:11 ).

Ao falar que “Ninguém subiu ao céu”, Nicodemos possivelmente tenha se lembrado desta passagem!

Mas, há outra passagem com abordagem semelhante em Provérbios: “Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos em Seus Punhos? Quem..? Qual é o Seu Nome, e qual é o Nome de Seu Filho, se é que o sabes? Toda Palavra de Deus é perfeita; escudo Ele é para os que nEle confiam. Há uma geração que amaldiçoa a seu pai, e que não bendiz a sua mãe. Há uma geração que é pura aos seus olhos, e que nunca foi lavada da sua imundícia” ( Pv 30:4 -5 e 12).

Observe que Agur, filho de Jaqué de Massa escreveu um provérbio onde foi feita várias perguntas. Dentre elas destacamos: Qual é o Seu Nome, e qual é o nome de seu Filho, se é que o sabes?

Não havia como Nicodemos negar que não conhecia este provérbio em Israel. Qualquer referência ou citação semelhante a um provérbio traz de imediato a memória do ouvinte àquela citação em específico. Era de se esperar que um mestre estabelecesse esta relação.

Jesus, através da pequena afirmação “*Ninguém subiu ao céu...*”, trouxe à memória de Nicodemos um provérbio corrente em Israel e passa a demonstrar o seu significado:

1. *‘Ora ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu’* – Ninguém pode subir ao céu! Se for possível a alguém subir ao céu, é porque de lá este alguém desceu;
2. Jesus identificou-se como o Filho do homem ao povo de Israel por várias vezes. Muitos já tinham ouvido que Jesus andava apregoando ser o Filho do homem, e aquele era o momento em que Nicodemos precisava perceber que Jesus é o Filho do homem. Quem desceu e posteriormente haveria de subir aos céus era Jesus, o Filho do homem;
3. Todas as perguntas feitas por Agur no livro de Provérbios apontam para Deus. O ponto de maior importância da citação de provérbios está em que o texto demonstra que Deus tem um Filho: *“Qual é o Seu Nome, e qual é o Nome de Seu Filho, se é que o sabes?”* ( Pv 30:4 ). Jesus, na conversa com Nicodemos, demonstrou que Ele é o Filho Unigênito enviado ao mundo ( Jo 3:16 -17), e caso Nicodemos questionasse a possibilidade de Deus ter um Filho, nas escrituras estava registrado de maneira explícita que Deus tem um Filho;
4. Nicodemos deveria crer na Palavra que é perfeita, e que revela a vontade de Deus aos homens ( Sl 19) *“Toda a Palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam n’Ele”* ( Pv 30:5 ), e não somente nos sinais. Os sinais era uma confirmação de Deus, mas o que verdadeiramente salva o homem é a doutrina de Jesus. Nicodemos precisava aceitar o testemunho de Jesus e a escritura ( Jo 3:11 );
5. Nicodemos deveria se conscientizar da sua atual condição como fariseu. A referência: *“Há uma geração que amaldiçoa a seu pai, e que não bendiz a sua mãe. Há uma geração que é pura aos seus olhos, e que nunca foi lavada da sua imundícia”* ( Pv 30:11 -12), demonstra de maneira clara e precisa a condição dos fariseus, religiosos da qual Nicodemos fazia parte ( Mt 15:5 ) e ( Lc 15:7 ).

A mensagem apresentada a Nicodemos foi completa: Jesus demonstrou que não era só por causa dos milagres que Nicodemos deveria afirmar que Cristo era “Mestre vindo da parte de Deus”, antes, deveria verificar que a Palavra de Deus é perfeita. Que nela está demonstrado que Cristo é o Filho de Deus. Que Jesus desceu dos céus e que para lá haveria de subir. Que a geração da qual Nicodemos

fazia parte não estava executando a verdadeira vontade de Deus ( Jo 6:29 ).

### A Serpente no Deserto

“Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, da mesma forma importa que o Filho do homem seja levantado...” ( Jo 3:14 )

Jesus estabelece um comparativo sem parar a explicação que vinha desenvolvendo. Complementando a ideia do versículo anterior, Jesus introduziu uma comparação: “Assim como...”.

Nicodemos conhecia a passagem bíblica das serpentes ardentes e Jesus passa a demonstrar a importância de sua morte e a forma (maneira) como haveria de ser morto através desta passagem.

O mestre da lei estava sendo esclarecido naquele instante, em linhas gerais, sobre o que haveria de ocorrer com o Filho do Homem.

Quanto à forma, Jesus haveria de ser levantado da terra dando da sua morte da mesma maneira que a serpente de metal foi erguida por Moisés no deserto.

Quanto à importância, a serpente de metal ‘trouxe’ vida àqueles que foram picados pelas serpentes (aos condenados à morte), e Cristo, trouxe vida ao mundo que “já”, ou seja, que está morto no pecado.

O contexto é delineado através de todos os elementos apresentados no texto. Não é só analisar as frases isoladamente da seguinte forma: “Moisés levantou a serpente no deserto”. Se analisarmos esta frase isoladamente teremos uma afirmação, mas quando analisamos a frase dentro do contexto, temos uma comparação.

Jesus fez uma comparação e passa a Nicodemos uma ideia que só entenderemos quando considerarmos todos os elementos presentes no texto: “E assim como Moisés levantou a serpente no deserto...”.

Para melhor entender a comparação que Cristo fez, faz-se necessário analisar a referida passagem do Antigo Testamento.

A passagem de Números 21: 4- 9 relata que o povo de Israel ficou impaciente

enquanto caminhavam pelo deserto e passaram a maldizer: “Por que nos fizestes subir do Egito, para que morrêssemos neste deserto? Pois aqui nem pão nem água há; e a nossa alma tem fastio deste pão tão vil” ( Nm 21:5 ).

Diante da murmuração, Deus enviou serpentes ardentes e estas mordiam o povo, e ao sentirem que estavam amaldiçoados, foram até Moisés e disseram: “Havemos pecado, porquanto temos falado contra o Senhor e contra ti”..

Então disse o Senhor a Moisés: “*Faze uma serpente ardente, e põe na sobre uma haste, e será que viverá todo o mordido que olhar para ela*”. Foi quando Moisés fez a serpente de metal, e colocou em uma haste, e “*mordendo alguma serpente a alguém, olhava para a serpente de metal, e ficava vivo*”.

- a) a praga das serpentes foi consequência direta do pecado do povo;
- b) a salvação para os picados pelas serpentes estava na palavra de Deus anunciada por Moisés;
- c) a serpente de metal foi erguida por ordem divina;
- d) bastava um olhar para que o favor de Deus fosse alcançado.

A palavra de Deus foi: “E será que viverá todo o mordido que olhar para ela”, e Moisés anunciou ao povo o que Deus disse. Observe a universalidade da mensagem (todo o mordido) e a necessidade dos ouvintes de Israel (não morrerá). Da mesma forma que os picados pelas serpentes estavam condenados à morte, toda a humanidade também está condenada à morte em Adão.

A mensagem, a que Moisés foi comissionado a transmitir, não excluía nenhum dos picados pelas serpentes. Todos sem exceção que olhassem para a serpente de metal haveriam de alcançar uma nova oportunidade de vida. A oferta de salvação a humanidade também não é diferente: todos, sem exceção, são alvos da graça de Deus.

Os ouvintes de Moisés necessitavam da cura e nada lhes foi exigido. Bastava um simples olhar em direção à serpente de metal e haveria de ter uma ‘nova’ vida. Esta mesma oferta é feita a humanidade: precisam olhar para quem prometeu a nova vida, pois a garantia de nova vida esta em quem é Fiel, se qualquer exigência ou obras a serem realizadas por parte dos agraciados.

## Quem Crer

“...da mesma forma importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna” ( Jo 3:15 )

Jesus não estava evidenciando a Nicodemos o evento da sua morte. Ele anunciou a sua morte de maneira implícita ao destacar que o Filho do homem haveria de ser levantado. Mas, o que Jesus procurou destacar?

Jesus simplesmente estava destacando que, em importância, o que a serpente de metal representava para o povo de Israel, o Filho do homem representa para a humanidade.

A mesma importância que a serpente de metal erguida teve para o povo de Israel, Jesus Cristo crucificado representa para a humanidade: Cristo é vida para aqueles que estão mortos em delitos e pecados.

Deus não exigiu dos picados pelas serpentes que se fizesse algo em troca do livramento da morte iminente. Deus providenciou salvação poderosa ao povo de Israel e para serem participantes de tal salvação bastava simplesmente crer na palavra anunciada por Moisés: precisavam olhar para a serpente erguida na haste de metal.

O ponto principal da declaração de Jesus centra em uma única questão: da mesma forma que os picados pelas serpentes tiveram que crer na mensagem apregoada por Moisés, a humanidade precisa crer em Cristo para ter acesso à nova vida.

Deus não escolheu dentre o povo de Israel aqueles que seriam salvos, antes todo o mordido que olhasse para a haste haveria de viver, conforme a palavra de Deus. Da mesma forma Deus não escolhe dentre os homens perdidos aqueles que serão alvos de sua graça. Todos quantos crerem em Cristo terão vida eterna.

O novo nascimento dá acesso a vida eterna livrando o homem da morte eterna. Através do novo nascimento o homem entra pela porta estreita que é Cristo, visto que através do nascimento natural o homem teve acesso a porta estreita.

Quem não crer perecerá, e aquele que crer terá vida eterna. Não é uma escolha entre duas alternativas. É uma decisão: o homem já está condenado e deve decidir-se em aceitar a salvação proposta (v. 18).

Não há como o homem desconsiderar o convite de salvação, visto que, não é uma escolha, e sim uma decisão!

Aos picados pela serpente não restava alternativa a não ser olhar para a haste de metal, uma vez que já estavam condenados ( Hb 2:3 ).

Da mesma forma que Adão decidiu de moto próprio comer do fruto da árvore do bem e do mal, é preciso o homem decidir-se de moto próprio comer o Pão vivo que desceu do céu que dá vida eterna aos homens.

### O Amor de Deus

*“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” ( Jo 3:16 )*

A base de tudo que Jesus disse a Nicodemos é o amor de Deus.

Deus amou todos os homens e Jesus é a prova evidente deste amor.

O ato de ter entregue o seu único Filho em resgate da humanidade concede-nos o parâmetro necessário para mensurarmos a dimensão deste amor.

Deus entregou o seu Filho em resgate da humanidade, e não de alguns. Da mesma maneira que a serpente de metal sinalizava vida a todos quantos olhassem para ela, Cristo é salvação a todos os homens, sem distinção alguma.

A salvação é para todo aquele que N’ele crê, da mesma maneira que foi dito “... viverá todo o mordido que olhar para ela”.

Em momento algum Jesus demonstra que Deus selecionou algumas pessoas para serem agraciadas em particular. Antes convida a todos que creiam na providência, para que tenham vida eterna.

O amor de Deus não é demonstrado em conivência ao pecado, ou seja, ele não aceita o culpado como sendo inocente!

Deus é amor, mas também é justiça. O amor de Deus não é um sentimento, onde Ele tem preferência entre A e B. Deus comporta-se segundo o seu amor que é demonstrado em justiça.

Por Deus amar os homens a justiça de Deus foi manifesta em Cristo. Desta maneira verifica-se que Ele não pode aceitar o culpado como sendo inocente. Ele não pode estar (unir-se) com o impuro.

Os culpados estão sob condenação e não serão aceitos por Ele. Os culpados devem receber a pena estipulada: morte. Quando o homem morre com Cristo é justificado do pecado ( Rm 6:7 ), e ao ressurgir com Cristo (nascerem de novo) é declarado livre de culpa ( Rm 4:25 ).

A ação divina não é reconciliação com a criatura perdida (velho homem). Ele não toma o velho homem e o aceita na condição de justo. Antes o velho homem (o pecador) precisa ter um encontro com a cruz de Cristo. Este homem é crucificado, morre e é sepultado, tudo por meio da fé em Cristo.

Em seguida um novo homem é criado (ressurge) e Deus o declara justo diante d'Ele. Este novo homem é criado através da semente incorruptível (água), e segundo Deus (Espírito), em verdadeira Justiça e Santidade.

Estas são as bases para as doutrinas da Justificação e Santificação.

A justificação do homem é por meio da nova vida que se adquire em Deus. Justiça esta que não é conforme a justiça que se estabelece nos tribunais humanos. A justificação é de vida, da mesma forma que a condenação foi de morte ( Rm 4:18 ).

## Salvação

*“Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” ( Jo 3:17 )*

A primeira ideia que as pessoas têm em mente é a de que Jesus trouxe um padrão de conduta tão alto que homem algum pode cumpri-lo. Pensa-se mais na condenação do que na oferta de salvação.

Em primeiro lugar a salvação não se dá através de um padrão de conduta.

Muitas pessoas se assuntam com o Sermão do Monte, onde Jesus parece apresentar um padrão de conduta inatingível. Este não era o intuito de Jesus ao dar o Sermão do Monte, estabelecer mais um padrão de conduta, ou o melhor padrão ético.

Jesus estava falando a um povo que detinha um dos padrões de condutas mais alto à época. Eles eram cumpridores de alguns aspectos da lei e tinham um padrão de conduta superior aos outros povos. Mas, o que Jesus pretendia com o Sermão do Monte?

O intento de Jesus é demonstrar que o espírito da lei é inatingível. Por mais que o homem procure seguir a lei ou qualquer outro padrão de conduta, sempre ficará aquém da lei. Ex: A lei dizia: “Não adulterarás”, mas se for perseguir o espírito da lei, qualquer que ao menos olhar para uma mulher com intenção impura, já é transgressor da lei ( Mt 5:27 -30).

Desta forma, antes de apresentar o espírito da lei aos seus ouvintes, Jesus deixa o alerta: quem quisesse entrar no reino dos céus deveria ter uma justiça maior do que a justiça dos fariseus ( Mt 5:20 ).

A conduta dos fariseus era irrepreensível perante a sociedade da época. Como, então, alcançar justiça maior dos que a dos fariseus? Não tendo pensamento impuro? Nunca fazer um xingamento? Jamais pensar no divórcio? Não! A justiça maior é pela fé! Se o homem aceitar a Cristo como Senhor, estará de posse da justiça que vem de Deus, pois é somente Ele quem justifica.

Desta maneira podemos compreender a missão de Jesus no mundo: Ele veio salvar o que estava perdido. Ele não veio apontar os erros dos homens. Não veio estabelecer outro padrão de conduta. Também não apresentou um código de Ética. Ele veio trazer salvação a todos os homens.

Deus enviou o seu Filho com a missão específica de salvar o mundo. A salvação do mundo está na vida que Deus oferece por meio da fé em Seu Filho. Ter Jesus é ter



a vida eterna.

## Condenação

*“Quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado; portanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” ( Jo 3:18 )*

Cristo foi enviado ao mundo para salvar e não para condenar os homens.

Quem crê em Cristo não é condenado com o mundo, mas quem não crê permanece sob uma condenação anterior.

A condenação do homem deu-se em Adão conforme Paulo demonstrou na carta aos Romanos: *“Pois assim como por uma ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação...”* ( Rm 4:18 ).

Em Adão se deu a ofensa, e nele foi estabelecido o juízo.

O juízo e a condenação de Deus foram estabelecidos a partir do momento em que Adão pecou! ( 1Co 15:22 ).

Jesus demonstrou a Nicodemos que o mundo precisava de salvação *“...para que o mundo fosse salvo por ele”* ( Jo 3:17 ), visto que sobre a humanidade pesa uma condenação. Sem crer em Cristo o homem perece!

Quem não crê no filho de Deus já está condenado, pois só a crença na providência (salvação) de Deus poderá salvar o homem (João 3: 18).

Se o Sermão do Monte fosse um novo padrão de conduta que Cristo veio estabelecer, jamais o homem seria salvo, antes permaneceria debaixo do pecado. Ao apresentar o espírito inatingível da lei, a única coisa que restaria a seus ouvintes era atentar para a grande salvação: crer naquele que o Pai enviou!

## Princípios Gerais

*“A condenação é esta: A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas*

*do que a luz porque as obras deles eram más. Todo aquele que pratica o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem vive de acordo com a verdade vem para a luz, a fim de que se veja claramente que as suas obras são feitas em Deus” ( Jo 3:19 -21)*

Deus enviou salvação poderosa a todos os homens, mas eles confiam mais em suas próprias ações. A condenação dos homens está em permanecer de posse de suas obras e concepções.

Porque Jesus disse que as obras dos homens são más?

Sabemos que os homens amaram mais as trevas porque as suas obras eram más. Mas, o que determina a qualidade das obras dos homens (boas e más)?

Se as ‘boas’ obras são feitas em Deus, as ‘más’ obras ganham este qualificativo por não serem feitas em Deus.

Como entender esta colocação de Jesus? Que princípio Jesus procurou evidenciar?

Todos os homens quem rejeitaram a Luz que veio ao mundo só praticam obras más. Eles são plantas que Deus não plantou ( Mt 15:13 ). Estão no caminho largo que conduz à perdição. São vasos de desonra. Eles praticam obras más por que são escravos do pecado, pois todos pecaram e foram destituídos da glória de Deus.

Quando a Bíblia diz que o homem é escravo do pecado ela aponta estes três aspectos:

- Um escravo não pode libertar a si mesmo;
- Um escravo não pode servir a dois senhores, e;
- Um escravo não pode produzir nada para si mesmo.

Os homens que rejeitam a Luz que Deus enviou permanecem escravos do pecado. Eles tem o pecado como senhor. Não podem libertar-se por meio de esforço próprios. E tudo o que produzem, produzem para o seu senhor, o pecado.

Com base nestes princípios verifica-se que o homem sem Cristo não pode praticar obras ‘boas’, pois eles não estão em Deus. Somente aqueles que estão em Deus é que praticam boas obras ( Ef 2:10 ).

Isto não quer dizer que os homens sem Cristo não consigam praticar boas ações. O que esta figura demonstra é que tudo o que o homem enquanto escravo do pecado produz, seja bem ou mal, pertence por direito ao seu senhor.

Nada que um escravo produz é para si mesmo. Por conseguinte, nada que um escravo do pecado produz é para si mesmo. O escravo do pecado só produz obras más, pois tudo o que faz é de propriedade de seu senhor.

Por isso é necessário o homem nascer de novo, visto que, o homem segundo Adão vive à mercê do pecado, e tudo o que produz (boas ou más ações) pertence ao seu senhor, o pecado!

Os fariseus tinham as melhores obras aos seus olhos, mas as obras deles não eram produzidas em Deus, antes em pecado, pois não receberam a Luz de Deus. Ex: O jovem rico cumpria a lei rigorosamente, mas o seu senhor era o pecado, e não Deus.

“todo aquele que faz o mal” refere-se aos homens sem Deus, pois, segundo os Salmos, temos que: **“Não há um justo, nem um sequer (...) Não há quem faça o bem, não há nem um só”** ( Sl 14:1 -3).

Se não há quem faça o bem, e como ressalva o salmista complementa ‘nem um homem sequer’, não havia como os que rejeitaram a luz de Deus fazer o bem. Perceba que Jesus não ordena aos homens que faça o bem, visto que não há quem faça o bem. Antes, Jesus ordenava aos seus ouvintes que viessem para Ele (para Luz), e então as suas obras seriam boas.

Seria um contra senso Jesus solicitar aos homens fazer o bem se não há um sequer que faça o bem. Somente aqueles que são participantes da nova vida é que podem fazer o bem, pois a semente de Deus permanece nele.

Jesus está falando de uma condição pertinente à velha criatura quando afirma que aqueles que fazem o ‘mal’ aborrecem a Deus. Se não há quem faça o bem, isto demonstra que, por mais que o homem que não nasceu de novo pratique ações que, segundo a sua concepção é o ‘bem’, para Deus as suas obras são o ‘mal’.

O homem precisa estar em Deus, ou seja, em Cristo, para que possa fazer o bem:

- **“Todo aquele que faz o mal aborrece a Luz”** ( Jo 3:20 );
- **“Não há quem faça o bem, não há nem um só”** ( Sl14:1-3; Rm 3:9 -17);

- “...todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” ( Jo 8:34 ).

Todos os homens sem Cristo fazem o mal por terem nascido escravos do pecado. Por isso é necessário que todos nasçam novamente, da semente incorruptível, da palavra de DEUS, que é viva e permanente.

Os fariseus e escribas possuíam uma conduta invejável frente a seus concidadãos! Mas, assim mesmo, Jesus disse a um dos seus mestres: Você tem que nascer de novo!

Estes tinham receio de ir a Jesus (Luz do mundo) por medo de terem as suas obras reprovadas, como ocorreu com o jovem rico ( Mt 19:20 ).

Mas quem pratica a Verdade, ou seja, que vive a Verdade, estes vem para a Luz. Observe que aqueles que estão sem Cristo praticam o mal, e aqueles que estão em Cristo, praticam a verdade.

A finalidade de ir a Jesus é para que se manifeste que as obras do novo homem são feitas em Deus. Aqueles que nasceram de novo passam a viver uma nova vida, sujeito à justiça, e todas as suas obras são segundo a verdade, mesmo quando o cristão acaba errando.

A nova criatura é por natureza sujeita a lei de Deus, e ‘em verdade é’, visto que tudo o que o novo homem produzir pertence ao seu Senhor, que no tribunal de Cristo haverá de recompensar as obras dos seus filhos ( 2Co 5:10 ).

Por outro lado, o profeta Isaías, citado por Paulo, demonstra que a nova criatura foi criada por Deus em Cristo para as boas obras “...as quais Deus preparou para que andássemos nelas” ( Ef 2:10 ; Is 26:12 ).

---

## O fariseu e o publicano

O publicano foi justificado por que invocou a Deus consciente da sua condição: pecador. Quando o homem reconhece que é pecador, um errado de espírito, é recebido por Deus como um pobre e órfão, ou seja, é ‘órfão’ e ‘pobre’ por não

confiar na carne, confiar que é filho de Abraão. Qualquer que lança mão de sua descendência e tem Abraão por Pai segundo a carne, é rico, abastado, confia nas questões de carne e sangue para ter direito à salvação.

---

## O fariseu e o publicano

### Introdução

Apesar do protesto dos profetas e da lei, à época de Cristo muitos judeus confiavam em si mesmos e acreditavam que eram justos [“Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR!”](#) ( Jr 17:5 ).

Porque acreditavam em si mesmos? O que lhes dava elemento para entenderem que eram justos? Ser descendente da carne e do sangue de Abraão. A carne e o sangue de Abraão era o elemento que tomavam para fazer da carne e do sangue o seu braço.

Eles acreditavam que eram salvos por serem descendentes da carne de Abraão e que eram justos em função da lei de Moisés. Todas as vezes que lhes era apregoado a necessidade de abandonarem os seus conceitos (arrependimento) crendo em Cristo como o salvador, alegavam que tinham por pai Abraão e, conseqüentemente não eram pecadores [“E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”](#) ( Mt 3:9 ); [“Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?”](#) ( Jo 8:33 ).

Quando João Batista apregoou o arrependimento, porque havia chegado o reino dos céus, muitos fariseus vieram ao batismo, porém, quando João Batista observou que continuavam confiados que eram salvos por serem filhos de Abraão, ordenou que produzissem o fruto digno de arrependimento, pois deviam confessar que eram salvos porque o reino de Deus estava próximo [“E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”](#) ( Mt 3:9 ).

Quando os escribas e fariseus alegavam que eram descendentes da carne de Abraão, estavam fazendo da carne (descendência) o seu braço (salvação). Ora, o 'braço' é figura de força, que por sua vez, diz de salvação. É por isso que quando o salmista bendiz a Deus, faz referência ao braço, a força, a salvação de Deus [“Com o teu braço remiste o teu povo, os filhos de Jacó e de José”](#) ( Sl 77:15 ); [“SENHOR, tem misericórdia de nós, por ti temos esperado; sê tu o nosso braço cada manhã, como também a nossa salvação no tempo da tribulação”](#) ( Is 33:2 ).

Além de se considerarem salvos por serem descendentes de Abraão, repousavam na lei, considerando que por a Lei ter sido entregue a eles, eram guias dos cegos, instrutor dos que nada sabiam ( Rm 2:17 -20).

Em função destas pessoas que confiavam em si mesmos (que eram filhos de Abraão) considerando-se livres do pecado, justos, que Jesus propõe a parábola do fariseu e do publicano [“E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros”](#) (v. 9).

Por se arvorarem como justos, estes que confiavam em si mesmos, desprezavam as pessoas que não eram descendentes de Abraão e que não tinha a lei.

## **A parábola**

Jesus contou-lhes a seguinte parábola:

[“Dois homens subiram ao templo, para orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”](#) ( Lc 18:10 -13 ).

Dois homens subiram ao templo para orar. Observe que o objetivo de ambos é idêntico: orar no templo. Ambos eram homens, porém, um fariseu e o outro publicano.

Ora, à época, aos olhos dos judeus, ser cobrador de impostos era ofício de pecador. Mas, havia dentre os judeus aqueles que eram comissionados pelos

Romanos para serem colhedores de impostos, e tal judeu também era discriminado.

Como o fariseu e o publicano foram ao templo, fica implícito que ambos eram judeus, pois se um gentio entrasse no templo, o templo seria tido por profanado ( At 21:28 ).

Zaqueu era publicano e considerado pelos judeus um pecador: “E eis que havia ali um homem chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos, e era rico (...) E, vendo todos isto, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador” ( Lc 19:2 ). Foi quando Jesus alerta que naquele dia entrou salvação na casa de Zaqueu, que apesar de cobrador de impostos, também era filho de Abraão.

Jesus era tachado de amigo dos publicanos e pecadores por comer com eles “E os escribas deles, e os fariseus, murmuravam contra os seus discípulos, dizendo: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?” ( Lc 5:30 ).

O farisaísmo, por sua vez, era o mais severo ramo do judaísmo “Sabendo de mim desde o princípio (se o quiserem testificar), que, conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu” ( At 26:5 ). Por se considerarem justos, os fariseus desprezavam as pessoas, não comiam com pessoas de outros povos e, nem mesmo as saldava “E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?” ( Mt 5:47 ).

Jesus retrata primeiramente o fariseu quando no templo: “O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo” (v. 11).

O fariseu seguro de si, ao postar-se de pé ( Mt 6:5 ), agradeceu a Deus por não ser como os demais homens.

Segundo a concepção daquele fariseu, o que o tornava diferente dos demais homens? O comportamento segundo a lei, pois para ele os demais homens eram roubadores, injustos e adúlteros.

Ele se julgava diferente até mesmo de outro descendente de Abraão, pois o outro exercia o encargo de publicano entre os filhos do povo de Israel. Por fim

arremata: - *Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto possuo!*

O publicano por sua vez, também se postou de pé, mas de longe, e não arriscou levantar os olhos para os céus, e disse batendo no peito: - *“Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”* (v. 13).

E Jesus concluiu a parábola dizendo: *“Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado”* (v. 14).

## **Justificação**

Porque o publicano saiu do templo justificado e o fariseu não?

Uma coisa é certa: Deus não faz acepção de pessoas, e como Ele justificou o gentio Abraão quando creu, certo é que o publicano foi justificado por confiar em Deus ( Gn 15:6 ; Rm 4:3 -8).

Se Deus justificou o gentio Abraão porque creu e prometeu justificar todos os povos, certo é que os gentios seriam justificados se cressem na promessa: o Descendente *“Assim como Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti. De sorte que os que são da fé são benditos com o crente Abraão”* ( Gl 3:6 -9).

O profeta Isaías, ao falar do Descendente prometido a Abraão, descreve o Cristo como o servo do Senhor, o justo, que justificará a muitos com o seu conhecimento *“Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si”* ( Is 53:11 ).

O salmista, ao falar da justiça de Deus, assim profetizou: *“Salva-me, ó Deus, pelo teu nome; faze-me justiça pelo teu poder”* ( Sl 54:1 ). Ora, Deus salva o homem que invoca o Seu Nome, e a justiça de Deus é estabelecida pelo Seu poder. Verifica-se então que Cristo é a Destra do Altíssimo, o poder de Deus *“Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa”*



( Lc 5:24 ); “E há de ser que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o SENHOR, e entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar” ( Jl 2:32 ); “Tu tens um braço poderoso; forte é a tua mão, e alta está a tua destra” ( Sl 89:13 ); “O SENHOR desnudou o seu santo braço perante os olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus” ( Is 52:10 ); “QUEM deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR?” ( Is 53:1 ).

O publicano foi justificado por que invocou a Deus consciente da sua condição: pecador. Quando o homem reconhece que é pecador, um errado de espírito, é recebido por Deus como um pobre e órfão, ou seja, é ‘órfão’ e ‘pobre’ por não confiar na carne; por não confiar que é filho de Abraão. Qualquer que lança mão de sua descendência e tem Abraão por Pai segundo a carne, é rico, abastado, soberbo, pois confia nas questões de carne e sangue para ter direito à salvação “E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão” ( Mt 3:9 ); “Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?” ( Jo 8:33 ).

Como o publicano clamou a Deus e apresentou-se como pecador, assumiu a condição de pobre de espírito, aflito, necessitado, humilde, portanto, Deus lhe fez justiça, tomando-o por filho “Fazei justiça ao pobre e ao órfão; justificai o aflito e o necessitado” ( Sl 82:3 ; Sl 34:18 ; Is 57:15 ).

Quando o salmista confessa ser pecador, e que o seu pecado era contra Deus somente, estava consciente que era pecador por descender de Adão, e que ser descendente de Abraão não o justificava “Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista, para que sejas justificado quando falares, e puro quando julgares” ( Sl 51:4 ).

Apesar de ser judeu, da tribo de Judá, Davi não se arrogou no direito à salvação por ser descendente da carne de Abraão, antes confessou que era pecador como todos os homens “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe” ( Sl 51:5 ; Sl 14:2 -4).

Ciente da sua condição, o salmista invoca o Senhor, dizendo: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto” ( Sl 51:10 ). O

corador de imposto comportou-se como Davi! Clamou ao Senhor para que tivesse misericórdia, pois era pecador.

Tanto Davi quanto o publicano entenderam que não eram filhos de Abraão, pois ser 'filho de Abraão' significa ser filho de Deus, ou seja, salvo, bem-aventurado. Perceberam que na verdade não possuíam pai, em função de Adão tê-los vendido juntamente com toda a humanidade ao pecado. Segundo a carne e o sangue, Adão é o primeiro pai da humanidade, que ao desobedecer vendeu todos seus descendentes ao pecado. Daí as figuras do órfão, da viúva, do necessitado, do que chora e do triste [“Fazei justiça ao pobre e ao órfão; justificai o aflito e o necessitado”](#) ( Sl 82:3 ).

O cobrador de imposto não precisou apresentar sacrifícios, pois a sua confissão era o verdadeiro sacrifício exigido [“Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus”](#) ( Sl 51:17 ).

Enquanto o fariseu aproximou-se do templo confiado em seus sacrifícios (dízimos e jejuns), crente que era diferente dos outros homens por portar-se segundo a lei (roubadores, injustos e adúlteros), o publicano aproximar-se de Deus reconhecendo sua iniquidade: [“Tomai convosco palavras, e convertei-vos ao SENHOR; dizei-lhe: Tira toda a iniquidade, e aceita o que é bom; e ofereceremos como novilhos os sacrifícios dos nossos lábios”](#) ( Os 14:2 ).

Estar longe ou perto do templo, em pé ou sentado, olhando ou não para o céu, batendo ou não no peito, não é o que justifica. O que justifica o homem é confiar em Deus que garantiu que aceita os sacrifícios dos lábios como se fossem novilhos.

Para um judeu à época, bastava reconhecer que era pecador e necessitado de Deus, que seria salvo, porém, este sacrifício não ofereciam a Deus. Era mais fácil fazer sacrifícios de novilhos que admitir-se um pecador. Embora a lei tenha sido dada aos judeus para conduzi-los a Cristo, pois ela demonstra que até mesmo os descendentes de Abraão eram pecadores, gloriavam-se na lei e rejeitaram a Cristo.

Para os gentios, basta confessar que Jesus Cristo é o Senhor que tira o pecado, pois os gentios estavam sem Deus no mundo e não tinham como confiar na carne ( Ef 2:11 -13).

Quando Jesus disse que o cobrador de imposto desceu 'justificado', disse de uma obra completa realizada por Deus. O que o publicano não alcançaria por intermédio das obras da lei, alcançou por clamar a Deus, *"Seja-vos, pois, notório, homens irmãos, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê"* ( At 13:39 ).

O termo 'justificado' e 'justiça' são traduções de palavras gregas semelhantes, em que o verbo dikaioun é 'declarar justo', 'justificar' e o substantivo dikaios é 'justificação', 'justiça', e o adjetivo dikaios qualifica o que é 'justo'.

Na sua maioria os teólogos dizem que ser justificado por Deus é o mesmo que *"reconhecer como justo e não de ser justo"* Moody, Lucas - Comentário Bíblico Moody (Moody Bible Institute of Chicago), item 14, pág. 80 (grifo nosso).

*"O pecador crente é justificado, isto é, tratado como justo (...) A justificação é um ato de reconhecimento divino e não significa tornar uma pessoa justa..."* Bíblia de Scofield com Referências, Rm 3:28 , pág. 1147;

*'... o ato judicial de Deus, mediante o qual aquele que deposita sua confiança em Cristo é declarado justo a Seus olhos, e livre de toda culpa e punição'* Bancroft, Emery H., Teologia Elementar, 3º Ed, 1960, Décima Impressão, 2001, Editora Batista Regular, Pág 255.

Porém, a palavra traduzida por justificação é 'fazer justo', 'tornar justo', 'declarar justo', e ao criar o novo homem em Cristo, Deus faz nova todas as coisas. Em Cristo surge um novo homem, com uma nova condição e em um novo tempo! O novo homem é criado em verdadeira justiça e santidade, portanto, a declaração de 'justo' que Deus faz recai sobre a nova criatura. Deus nunca declara justo o velho homem gerado em Adão, somente os de novo gerados.

Deus não é o homem para que minta. Ele não declara falsidades. Somente os justos são declarados justos, ou seja, os de novo criados nesta condição. Caso Deus reconhecesse e declarasse uma pessoa justa, embora não fosse, Ele não seria verdadeiro. Portanto, entender que Deus somente trata como sendo justo aquele que Ele justifica, ou seja, que aquele que Ele declara justo não significa que realmente Deus o tornou justo, é dizer que Deus é como o homem e que o sacrifício de Cristo não foi perfeito ( Hb 6:18 ).

Quando o publicano creu, Deus circuncidou o seu coração, momento que recebeu a pena pelo seu pecado: morte (Deus é justo). No mesmo momento Deus criou um novo coração puro e colocou nele um espírito reto (Deus é justificador - Rm 3:26 ; Sl 51:10 ; Ez 11:19 ). Por dois motivos o publicano foi justificado: a) Aquele que está morto está justificado do pecado ( Rm 6:7 ) e ele morreu ao ter o coração circuncidado, e; b) Cristo ressurgiu para a nossa justificação, ou seja, após ganhar novo coração e um novo espírito, o publicano passou a ter vida dentre os mortos, portanto, justo diante de Deus ( Rm 4:25 ).

### **Provérbios e Salmos**

*“Porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado” (v. 14).*

Jesus não afirmou de si mesmo quando disse que os que se exaltam a si mesmo serão humilhados e o que se humilha será exaltado. Ele citou provérbios e os salmos para encerrar a parábola: *“Certamente ele escarnecerá dos escarnecedores, mas dará graça aos mansos”* ( Pv 3:34 ); *“Ainda que o SENHOR é excelso, atenta todavia para o humilde; mas ao soberbo conhece-o de longe”* ( Sl 138:6 ).

Tiago também faz uso de tal citação quando diz: *“Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará”* ( Tg 4:14 ). Como ele escreveu aos judeus da dispersão, repreende-os chamando-os de adúlteros e adúlteras por desconhecerem que a amizade com o mundo é inimizade contra Deus ( Tg 4:4 ). Em seguida arremata: *“Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”* ( Tg 4:6 ).

Quem são os soberbos e escarnecedores? Todos os ímpios são soberbos por natureza *“O SENHOR eleva os humildes, e abate os ímpios até à terra”* ( Sl 147:6 ), pois os ímpios desviam se de Deus desde a madre ( Sl 58:3 ).

Ora, os soberbos são o povo de Israel que, apesar de serem ímpios como todos os outros homens ( Sl 14:3 -4 ; Rm 3:9 -20), confiavam em si mesmos que eram justos. É em função desta realidade que profetizou Maria, a mãe de Jesus: *“Com o seu braço agiu valorosamente; Dissipou os soberbos no pensamento de seus corações. Depôs dos tronos os poderosos, E elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, E despediu vazios os ricos”* ( Lc 1:51 -53).

Enquanto os judeus confiavam na carne e faziam dela o seu braço, Deus desnudou o seu santo braço perante as nações. O pensamento dos soberbos foi desfeito, pois em Cristo está a salvação para os humildes, pobres e famintos “O SENHOR desnudou o seu santo braço perante os olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus” ( Is 52:10 ); “Ó VÓS, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão? E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me atentamente, e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura. Inclinaí os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá” ( Is 55:1 -3).

E como humilhar-se a si mesmo? Achegando-se a Deus. Como? Invocando-O. Quando o homem invoca a Deus está ‘limpando’ as mãos manchadas de sangue (violência) ( Is 1:15 -16), que é figura das obras reprováveis segundo a lei. Quando o homem se achega a Deus, Deus limpa o coração. Mas, para isso, é necessário ‘sentir’ o quanto é miserável, lamentar e chorar, pois só assim Deus há de exaltá-Lo convertendo o pranto em riso e a tristeza em gozo “Irei e voltarei ao meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face; estando eles angustiados, de madrugada me buscarão” ( Os 5:15 ; Tg 4:9 ; Is 61:3 ).

Semelhantemente, após instruir os jovens a ser submisso aos mais velhos, o apóstolo Pedro diz: “... sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte” ( 1Pe 5:5 -6).

Ora, para humilhar-se a si mesmo, necessário é que o homem esteja disposto a aprender de Cristo, pois Ele mesmo disse: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração”. Ora, para um judeu resignar-se a aprender de Jesus de Nazaré, um homem que não havia aprendido nos bancos escolares as sagradas letras, era uma humilhação ( Mt 11:29 ; Jo 7:15 ).

Mas, se desejavam salvação, deveriam humilhar-se a si mesmo, ou seja, rejeitar a concepção de que eram filhos de Abraão por questões de carne e sangue e virem a Cristo, pois somente Ele possui palavras de vida eterna.

Portanto, o termo 'humilde' em certas passagens bíblicas não se refere ao pobre financeiro, ao iletrado, ao excluído social. Tornar-se 'humilde' diante de Deus não se alcança com voto de castidade, voto de pobreza, etc. Ser humilde não é abrir mão dos seus direitos como cidadão. Ser humilde não é colocar-se como 'capacho' de outrem. A humildade não advém de questões financeiras, se rico ou pobre, antes a humildade é uma condição do coração, que somente os que aprendem de Cristo e tornam-se seus discípulos possuem. Os humildes de coração são aqueles que verdadeiramente são livres [“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração” \( Mt 11:29 \)](#); [“Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” \( Jo 8:31-32\)](#).

Mas, qualquer que diz: [“Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?” \( Jo 8:33 \)](#), não é humilde, pois confia na sua carne. É soberbo e nada sabe.

---

## O que torna um homem pecador?

O evangelista deve entender que, primeiro é essencial a ação regeneradora de Deus, que faz um novo homem, e então, tudo se faz novo. Para tanto, basta ao evangelista anunciar as boas novas do evangelho, ou seja, que Cristo foi manifesto em carne, viveu sem pecado por ter sido gerado de Deus, foi crucificado, ressurgiu e está assentado à destra de Deus.

---

[“Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” \( Jo 4:10 \)](#)

É comum em evangelismo a seguinte pergunta aos descrentes: “Você é bom o suficiente para entrar no céu por seu próprio merecimento?”, e não pude me

furtar a algumas considerações.

É uma estratégia evangelística enfatizar a miserabilidade do homem em pecado para apresentar Cristo, o redentor, porém, erram ao considerar que a miserabilidade da humanidade decorre das disposições internas do homem.

Muitos cristãos ainda não compreendem porque o homem é pecador, pois reputam que o pecado está atrelado ao comportamento, à moral e ao caráter do homem.

O que torna um homem pecador?

O apóstolo Paulo responde, pois ele demonstrou que todos os homens estão destituídos e carecem da glória de Deus ( Rm 3:23 ). O homem é pecador porque foi destituído, ou seja, está alienado de Deus. É tido por miserável porque carece, ou seja, necessita da glória de Deus.

Por estar alienado de Deus o homem está destinado ao inferno de fogo, pois o inferno é o lugar destinado ao diabo e todas as gentes que se esquecem de Deus ( Sl 9:17 ). Estar destinado ao inferno não é uma questão de merecimento, antes diz de uma condição própria a todos os homens gerados de Adão.

É temerário simplesmente destacar que o homem é 'merecedor' do inferno, o que pode levar os pecadores a considerar a perdição como sendo algo proveniente de questões comportamentais, o que inexoravelmente acaba promovendo a ideia da salvação pelas obras.

A Bíblia não ensina que o homem é 'merecedor' do inferno, ou seja, que o inferno vincula-se a uma questão meritória, antes ela demonstra que todos que entraram pela porta larga seguem por um caminho largo que conduz à perdição ( Mt 7:13 -14).

Cristo é a porta estreita, e para entrar por Ele é necessário ao homem nascer de novo ( Jo 3:3 ). Isto indica que Adão é a porta larga por onde todos os homens entram ao nascer ( 1Co 15:45 ).

Nenhuma questão meritória é destacada com relação à perdição ou a salvação, antes é demonstrado na Bíblia que o homem é gerado em pecado, ou seja, alienado de Deus ( Sl 51:5 ). Que desde a madre os homens desviam-se de Deus, e por possuírem um coração corrupto, proferem mentiras desde que nascem ( Sl

58:3 ; Mt 12:34 ).

A porção dos filhos de Adão é somente este mundo, e estão destinados a saciarem-se somente da ira que Deus entesourou para eles. Sem qualquer mérito ou demérito, todos os filhos dos homens deste mundo também serão fartos da ira do Senhor, e dela sobejarão, pois são filhos da ira e da desobediência ( Sl 17:14 ).

É por isso que o apóstolo Paulo reitera o que anunciou o salmista Davi: “[Não há um justo se quer](#)” ( Rm 3:10 ). Ou seja: “[Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis](#)” ( Rm 3:12 ).

O que fez com que todos os homens se extrviassem? O apóstolo Paulo anuncia que todos se extraviaram porque um pecou, e por isso, todos pecaram. Um só foi destituído, e todos foram destituídos da glória de Deus ( Rm 5:12 ).

Segundo o profeta Miqueias, um homem piedoso pereceu, e desde que ele (Adão) pereceu não há entre os filhos dos homens um que seja justo. O melhor dos homens é um espinho, e o mais justo não passa de uma sebe de espinhos, o que demonstra que ser pecador e estar destinado ao inferno não é uma questão de mérito, antes diz de uma condição própria

---

## **Salmo 49 - Resolva o enigma do oráculo**

Que tipo de sabedoria e entendimento o salmista propõe revelar então? A sabedoria deste mundo? Ele produziria conhecimento científico? Que tipo de entendimento? A resposta encontra-se no verso seguinte: “[Ouvirei o oráculo, e revelarei o meu enigma ao som da harpa](#)”, ou seja, uma profecia ( 1Cr 25:1 ).

---



# **Salmo 49 - Enigmas do Oráculo**

1 OUVI isto, vós todos os povos; inclinai os ouvidos, todos os moradores do mundo,

2 Tanto baixos como altos, tanto ricos como pobres.

3 A minha boca falará de sabedoria, e a meditação do meu coração será de entendimento.

4 Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola; declararei o meu enigma na harpa.

5 Por que temerei eu nos dias maus, quando me cercar a iniquidade dos que me armam ciladas?

6 Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas,

7 Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele

8 (Pois a redenção da sua alma é caríssima, e cessará para sempre),

9 Para que viva para sempre, e não veja corrupção.

10 Porque ele vê que os sábios morrem; perecem igualmente tanto o louco como o brutal, e deixam a outros os seus bens.

11 O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas e as suas habitações de geração em geração; dão às suas terras os seus próprios nomes.

12 Todavia o homem que está em honra não permanece; antes é como os animais, que perecem.

13 Este caminho deles é a sua loucura; contudo a sua posteridade aprova as suas palavras. (Selá.)

14 Como ovelhas são postos na sepultura; a morte se alimentará deles e os retos terão domínio sobre eles na manhã, e a sua formosura se consumirá na sepultura, a habitação deles.

15 Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá. (Selá.)

16 Não temas, quando alguém se enriquece, quando a glória da sua casa se engrandece.

17 Porque, quando morrer, nada levará consigo, nem a sua glória o acompanhará.

18 Ainda que na sua vida ele bendisse a sua alma; e os homens te louvarão,

quando fizeres bem a ti mesmo,

19 Irá para a geração de seus pais; eles nunca verão a luz.

20 O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais, que perecem.

“OUVI isto, vós todos os povos; inclinai os ouvidos, todos os moradores do mundo”

A mensagem que um dos filhos de Coré deixou registrado neste salmo é inclusiva. Todos os habitantes da terra em todos os tempos necessitam ouvi-la.

Aparentemente o salmista compôs somente um cântico, porém, podemos ouvi-lo anunciando aos brados uma mensagem importantíssima à humanidade.

Mas, como fazê-la ecoar ao longo dos anos? Que recurso o salmista poderia utilizar à época para que toda a humanidade fosse informada da mensagem? A poesia aliada ao canto era o melhor recurso disponível na antiguidade para se propagar uma mensagem através dos tempos.

O salmista clama a todos os povos, ou seja, tanto judeus quanto gentios. Não há acepção de pessoas: os destinatários da mensagem são todos os moradores do mundo! ( Sl 49:1 ).

“Tanto baixos como altos, tanto ricos como pobres”

Para não restar dúvidas, o salmista deixa claro que a mensagem abrange tanto as pessoas proeminentes, quanto as sem expressão social. A condição financeira não é causa excludente: tanto ricos quanto os pobres devem ouvir e atender a mensagem ( Sl 49:2 ).

“A minha boca falará de sabedoria, e a meditação do meu coração será de entendimento”

O motivo da poesia e canto não é um ode ao moralismo, ao legalismo, à consciência ou ao bom caráter, antes, o salmista se propõe a falar de uma

sabedoria e de um entendimento específico ( Sl 49:3 ).

A mensagem do salmista também não se ocupa das mazelas socioculturais da humanidade. Não tem em vista a sabedoria ou o conhecimento de cunho filosófico, sociológico ou científico. Por quê? Porque as Escrituras demonstram que tal sabedoria diante da mensagem divina é destruída, aniquilada “Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos inteligentes” ( 1Co 1:19 ).

Que tipo de sabedoria e entendimento o salmista propõe revelar então? A sabedoria deste mundo? Ele produziria conhecimento científico? Que tipo de entendimento? A resposta encontra-se no verso seguinte: “Ouvirei o oráculo, e revelarei o meu enigma ao som da harpa”, ou seja, uma profecia (1Cr 25:1 ).

“Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola; declararei o meu enigma na harpa”

O salmista daria ouvidos à ‘palavra da profecia’ e haveria de revelá-la aos seus interlocutores ao som da harpa (v. 5), tudo isto conforme o que foi estipulado para o seu ministério “E DAVI, juntamente com os capitães do exército, separou para o ministério os filhos de Asafe, e de Hemã, e de Jedutum, para profetizarem com harpas, com címbalos, e com saltérios; e este foi o número dos homens aptos para a obra do seu ministério:” ( 1Cr 25:1 ).

A mensagem anunciada ao som da harpa, além de profética, é um grande enigma. Para compreender a grandeza da mensagem anunciada pelo salmista é necessário descobrir o significado dos seus enigmas.

Qual a natureza do enigma, da parábola, ou do oráculo? A palavra da profecia diz da sabedoria do alto, e não do conhecimento terreno “Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia” ( Tg 3:17 ). O salmista declarou a sabedoria que faz o homem perfeito em Deus “A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo” ( Cl 1:28 ).

Diante do enigma do evangelho o conhecimento humano torna-se loucura “Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?” ( 1Co 1:20 ), pois a parábola anunciada ao som da harpa do salmista é Espírito e poder “A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder” ( 1Co 2:4 ); “Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” ( 1Co 1:18 ).

O que a humanidade pede ou busca não se encontra nas Escrituras “Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos” ( 1Co 1:22 - 23 ); “Visto que rejeitaram a palavra do Senhor, que sabedoria teriam?” ( Jr 8:8 -9).

Haveria algum motivo específico para que o salmista profetizasse acerca de si mesmo? A vida de um dos filhos de Coré seria de importância mundial? Ao menos o filho de Coré, que redigiu este salmo, fazia parte da linhagem de Cristo? O que havia neste filho de Coré que serviria de instrução para Israel e o mundo? Nada! A importância reside única e exclusivamente na profecia que o salmista anunciou ao som da harpa.

De quem fala o oráculo? Qual o evento posterior à profecia que é de interesse mundial? (v. 1 e 2) Por acaso não seria o [advento do Messias](#)?

A vida do salmista não é de interesse da humanidade, tanto que nada sabemos acerca do filho de Coré, mas o que foi profetizado por ele nos conduz a uma pessoa que é de interesse de toda a humanidade: Jesus, o Cristo de Deus.

Esta profecia redigida por um dos filhos de Coré e cantada ao som da harpa compõe o Livro dos Salmos, o que a torna parte das Escrituras. Portanto, ao examinar o Salmo 49, examinamos as Escrituras, e este salmo testifica do Cristo “Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” ( Jo 5:39 ).

O salmo 49 não versa sobre a vida de um dos filhos de Coré, antes a mensagem enigmática, de importância mundial, diz de Cristo, que é sabedoria de Deus. Diz do Verbo de Deus encarnado, que todos os moradores do mundo necessitam conhecer.

Observe a seguinte relação: Jesus nomeou as Escrituras de sabedoria de Deus “Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros” ( Lc 11:49 ), e, por sua vez, Cristo foi ‘feito’ por Deus sabedoria “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” ( 1Co 1:30 ).

“Por que temerei eu nos dias maus, quando me cercar a iniquidade dos que me armam ciladas?”

Inúmeras ciladas e armadilhas ao longo dos séculos foram implementadas pelos servos da iniquidade, porém, que interesse haveria para o mundo as ciladas anunciadas por um dos filhos de Coré? De que tipo de cilada o salmista faz referência?

As palavras dos ímpios são ciladas “As palavras dos ímpios são ciladas para derramar sangue...” ( Pv 12:6 ), e os líderes religiosos de Israel se encaixam na descrição do salmista, pois suas palavras eram verdadeiras ciladas. As características dos iníquos que a profecia apresenta remontam o caráter, a conduta e a intenção dos líderes da religião à época de Cristo “Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação” ( Jo 11:48 ); “Depois os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo reuniram-se na sala do sumo sacerdote, o qual se chamava Caifás. E consultaram-se mutuamente para prenderem Jesus com dolo e o matarem” ( Mt 26:3 -4).

Os líderes de Israel eram os interpretes das Escrituras e prezavam o cumprimento da lei, porém, no afã de preservarem seus lugares ( Jo 11:48 ), violaram a própria lei: emboscaram e derramaram sangue do Inocente ( Mt 26:4 ).

Além de prevaricarem em relação as suas atribuições ( Is 43:27 ), tornaram-se os agentes que implementaram o que fora predito por um dos filhos de Coré. Não observaram as Escrituras e com palavras armaram uma cilada para o Inocente: “Se disserem: Vem conosco a tocaias de sangue; embosquemos o inocente sem motivo” ( Pv 1:11 ).

Os líderes religiosos que tinham o dever de interpretar as Escrituras prevaricaram quanto às suas atribuições ( Pv 6:17 ; Is 59:7 ; Mt 27:4 ; Mt 27:24 ).

As palavras deles eram verdadeiras ciladas para derramar sangue do Inocente, que por sua vez não temeu os dias maus [“Uma flecha mortífera é a língua deles; fala engano; com a sua boca fala cada um de paz com o seu próximo mas no seu coração arma-lhe ciladas”](#) ( Jr 9:8 ; Mt 12:34 ; Lc 6:45 ).

O filho de Coré profetizou acerca de um tempo específico: os ‘dias maus’, ou seja, os dias em que os líderes judeus armariam ciladas contra o Inocente para matá-Lo.

Os ‘dias maus’ não apontam para os tempos em que o povo de Israel estivesse em guerra com os povos vizinhos. Não! O salmista deixa especificado que os dias maus ocorreriam quando homens iníquos armassem ciladas com palavras contra Àquele que não temeria.

O salmista anuncia palavras que demonstram total confiança em Deus, ou seja, total confiança no Autor do oráculo.

O versículo 5 do salmo 49 é ilustrado pelo salmo 59: [“LIVRA-ME, meu Deus, dos meus inimigos, defende-me daqueles que se levantam contra mim. Livra-me dos que praticam a iniquidade, e salva-me dos homens sanguinários. Pois eis que põem ciladas à minha alma; os fortes se ajuntam contra mim, não por transgressão minha ou por pecado meu, ó SENHOR”](#) ( Sl 59:1 -3).

O Senhor Jesus não temeu os dias maus, pois ele deu ouvidos aos oráculos de Deus [“E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”](#) ( Fl 2:8 ), pois convinha que ele padecesse pelo povo [“Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação”](#) ( Jo 11:50 ; Is 53:4 ).

Porém, os filhos do povo (os judeus) permaneciam fiados na própria sabedoria, e não deram ouvidos à palavra do Senhor expressa nos seus oráculos [“Pelo pecado da sua boca e pelas palavras dos seus lábios, fiquem presos na sua soberba, e pelas maldições e pelas mentiras que falam”](#) ( Sl 59:12 ).

[“Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas”](#)

Descobrimos até aqui dois enigmas:

- Que o oráculo do salmista refere-se ao Messias;
- Que as ciladas utilizadas pelos iníquos seriam ‘ciladas com palavras’.

O significado do terceiro enigma deve ser depreendido do verso 6.

Que relação há entre a ‘iniquidade’ e as ‘riquezas’ dos iníquos que armariam ciladas contra o Cristo? Podemos considerar que os desprovidos de bens materiais são justos diante de Deus? Podemos considerar que possuir bens e herdades é causa de eterna perdição? Não! Se riquezas materiais fossem causa da perdição dos ricos e dos nobres, o salmista não direcionaria sua mensagem também aos pobres ( Sl 49:2 ).

Ora, o salmista estende o seu convite a ricos e pobres, isto porque tanto ricos quanto pobres podem ser iníquos. Tanto plebeus quanto nobres podem ser iníquos. Tanto judeus quanto gregos podem ser iníquos, pois não há sobre a face da terra homem que seja justo (pobres ou ricos, judeus ou gregos, etc.) ( Sl 14:3 ).

Iniquidade refere-se especificamente à condição do homem divorciado do Criador, sem qualquer relação com a sua posição sócio-econômica ou cultural. O homem é gerado em iniquidade e concebido em pecado ( Sl 51:5 ).

No que consiste confiar nas riquezas? Por que o salmista protesta contra os que se gloriam nas suas posses? Quais são as riquezas e bens que o salmista faz referência?

Ora, este é mais um enigma declarado pelo salmista ao som da sua harpa!

Para decifrá-lo, analisemos esta passagem bíblica: “Dois homens subiram ao templo, para orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” ( Lc 18:10 -12).

O cobrador de impostos é alguém necessitado (pobre) que espera ser agraciado (misericórdia) por Deus. Já o fariseu é um homem abastado (rico), ou seja, um religioso, que apesar de agradecer a Deus, confia em seus méritos, na sua moral e

no seu comportamento ilibado quando se dirige a Deus em oração.

A atitude do publicano de ficar em pé ao longe, sem ao menos levantar os olhos ao céu batendo no peito, demonstra que ele reconhecia a sua miserável condição diante de Deus: pecador. Um pecador é alguém que carece da graça de Deus. É alguém necessitado, pobre, miserável.

A atitude do fariseu é de alguém abastado (rico). Ele considerava estar em uma condição privilegiada, se comparado a outros homens. Para ele os homens eram pecadores por serem roubadores, injustos e adúlteros. Ora, como o fariseu não roubava, era fiel no trato, não adulterava, não era como o publicano, jejuava e dizimava, considerava ser alguém abastado e rico.

O fariseu é um dos que confiavam em suas 'fazendas', que se gloriava das suas 'riquezas' e que não foi declarado justo por Deus. Quais riquezas ele possuía? Não roubar, não adulterar, não matar, dar o dízimo, não ser como os outros homens, etc. Não vemos na oração do fariseu ele declarando que possuía herdades e bens.

Apesar de se aplicar as boas ações, a Jesus declarou que ele não foi justificado. Por que ele não foi justificado? Porque confiava em suas virtudes, em seus méritos e na sua origem. Ele deixou de confiar em Deus, passando a considerar as suas virtudes, méritos e origem como requisitos para salvação.

Mais um enigma é decifrado: 'riquezas' e 'fazendas' referem-se aos méritos e obras dos homens. As riquezas e herdades referem-se a tudo que o homem executa e se estriba na intenção de alcançar a salvação. A salvação só é possível àqueles que confiam em Deus, do modo que fez o publicano ( Sl 62:7 ).

Após resolver o enigma seria possível prever as virtudes e os méritos daqueles que haveriam de armar ciladas com palavras contra o primogênito de Deus. Quem seriam os iníquos que armariam ciladas contra o primogênito de Deus? Homens que 'confiam em suas posses, que se gloriam em suas riquezas', ou seja, homens que eram justos aos seus próprios olhos, pois estavam fiados em suas origens, religiosidade, méritos e virtudes "Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade" ( Mt 23:28 ).



“Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele (Pois a redenção da sua alma é caríssima, e cessará para sempre), Para que viva para sempre, e não veja corrupção”

Nenhum dos religiosos à época de Cristo, de modo algum, poderia remir seu irmão. Nenhum dos líderes possuía ‘fazenda’ ou ‘riquezas’ que pudesse dar a Deus o resgate por seus irmãos. Por que não? Porque a redenção da alma de um único homem é caríssima, ou seja, as possessões (riquezas) que os homens angariam com a força de seus braços não é suficiente para pagar o valor do resgate de uma única alma.

Deus conhece as obras dos homens iníquos, pois elas não são feitas n’Ele ( Is 55:2 ; Ap 3:16 ; Jo 3:20 ). Deus em todos os tempos aconselha: “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas” ( Ap 3:18 ).

Embora os líderes judaicos falassem cada um com o seu companheiro de paz, justiça e equidade social, eram iníquos, pois não confiavam em Deus, antes confiavam em suas boas ações, no produto de suas próprias realizações (trabalho).

Eles pensavam ter ‘posses’, que eram ‘ricos’ segundo as suas realizações, que eram abastados o suficiente para adquirir salvação ( Is 55:2 ), porém, esqueceram que Deus olha o coração e vê quem são os homens que juntam riquezas com violência ( Jr 17:10 -11 ; Is 59:6 ; Jr 17:11 ), sem acatar a recomendação de Deus: que comprem ouro provado no fogo ( Ap 3:18 ).

Nenhum dos iníquos tinha condição de dar o resgate pelos seus entes, para que eles vivessem eternamente, e não mais vissem a corrupção ( Sl 49:9 ).

“Porque ele vê que os sábios morrem; perecem igualmente tanto o louco como o brutal, e deixam a outros os seus bens. O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas e as suas habitações de geração em geração; dão às suas terras os seus próprios nomes. Todavia o homem que está em honra não permanece; antes é como os animais, que perecem”

O salmista lembra que todos os homens podem ver que os sábios morrem (v. 10), o que confirma que ninguém pode remir o seu irmão (v. 7), para que eles não vejam a corrupção (v. 9).

Do ponto de vista dos homens, todos podem constatar que os sábios morrem. Do 'ponto de vista' divino, perecem igualmente o louco (os homens que são sábios aos seus próprios olhos e o homem ignorante (bruto). Os homens sem entendimento, simples, brutos são iguais aos 'sábios' que rejeitam a palavra de Deus: igualmente perecem “Os sábios são envergonhados, espantados e presos; eis que rejeitaram a palavra do SENHOR; que sabedoria, pois, têm eles?” ( Jr 8:9 ; Is 8:15 ).

No verso 10 há uma figura de linguagem (antítese) entre as palavras 'sábios' e 'loucos', pois ambas refere-se às mesmas pessoas: “Vê-se os sábios morrer, perecer o louco e o bruto, deixando seus bens a outros” (v. 10). Os homens 'sábios' aos seus próprios olhos são 'loucos', pois a sabedoria dos homens é loucura diante de Deus. Diante desta relação entre as palavras 'sábios' e 'loucos' é que se estabelece o mesmo fim para 'loucos' e 'brutos' “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia” ( 1Co 3:19 ).

Tanto os 'loucos', quanto os 'brutos' deixam aos seus semelhantes os seus bens, ou seja, um legado.

Após apresentar a real condição dos homens iníquos (v. 5) , o salmista traz a lume o pensamento deles. Eles acreditavam “...que suas casas” seriam “perpétuas” e suas “habitações de geração em geração”, ou seja, pensavam que haviam alcançado eterna salvação.

Casa fala de segurança: outro enigma! Pensavam que habitariam seguros perpetuamente. Consideram que herdaram (terra) o direito à salvação pelo nome (judeus) que possuem: descendentes de Abraão, Isaque e Jacó! Qual o motivo de se dar às terras os seus nomes? Para que os seus filhos fossem herdeiros. Terras falam de herdades, e nome refere-se a direito. Pelo nome que possuíam, pensavam ter direito a salvação ( Sl 49:11 ).

Porém, a realidade é totalmente diferente da concepção que os iníquos nutrem “Todavia...” ( Sl 49:12 ). Apesar da 'riquezas' que possuem (v. 6), inexoravelmente perecerão ( Sl 1:5 ). Na Bíblia a palavra 'perecer' refere-se a existência alienada

de Deus.

Eterna perdição é o destino do caminho daqueles que confiam em si mesmos, ou seja, que confiam em suas riquezas, que confiam na força do seu próprio braço, assim como Cristo demonstrou na parábola do publicano e do fariseu que subiram ao templo para adorar “Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR!” ( Jr 17:5 ). Resumindo: “Como a perdiz, que choca ovos que não pôs, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará, e no seu fim será um insensato” ( Jr 17:11 ; Is 59:6 ).

O homem que está em honra e não permanece (v. 12), além de se referir aos iníquos que armaram ciladas com palavras, também se refere àqueles líderes religiosos, que apesar do dever de proclamar a palavra da verdade, cerceiam aos seus seguidores o reino dos céus, pois utilizam palavras de engano ( Mt 23:13 ).

Tais líderes promovem a confiança em riquezas mal adquiridas, pois não orientam que se compre ouro provado ( Ap 3:18 ; Sl 49:6 ).

“Este caminho deles é a sua loucura; contudo a sua posteridade aprova as suas palavras” (Selá)

O caminho deles é único e específico: “Este caminho...” (v. 13).

A ‘loucura’ dos ‘sábios’ não é a ciência, a filosofia, a sociologia, a moral, e nem mesmo a religiosidade. Antes, a ‘loucura’ dos que ‘confiam em si mesmos’ é o caminho deles! Como pode ser isso? O caminho é a loucura? Temos aqui um novo enigma!

O salmista no salmo primeiro anunciou: “Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores (...) Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpio perecerá” ( Sl 1:1 e 6).

É anunciado de modo ‘velado’ (implícito) neste salmo dois caminhos:

- a) um caminho dos justos, e;
- b) um caminho dos ímpios.

Não podemos deixar de considerar que existem inúmeros ímpios, porém, há um único conselho para eles; muitos pecadores, só um caminho para eles; muitos escarnecedores, e uma só roda (v. 1). Por fim, conclui-se que existem somente dois caminhos!

Neste diapasão, Cristo anunciou haver dois caminhos:

- Um caminho largo que conduz à perdição, e;
- Um caminho estreito, que conduz à vida eterna ( Mt 7:13 -14).

Diante de uma platéia perplexa, Jesus fez um convite a todos como a mesma abrangência que fez o salmista ( Sl 49:1 -2), para que entrassem pela porta estreita ( Mt 7:13 ). Em seguida Jesus apresentou o motivo do convite: **“Porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz a perdição”** ( Mt 7:13 ).

Ora, para entender a relação que há entre o salmo 1, o salmo 49 e a parábola dos dois caminhos ( Mt 7:13 ), é necessário ser ‘sábio’, instruído pela palavra da profecia, ou seja, deixar de ser sábio aos seus próprios olhos **“Quem é sábio, para que entenda estas coisas, e prudente, para que as saiba? Os caminhos do Senhor são retos; os justos andam neles, mas os transgressores neles tropeçam”** ( Os 14:9 ; Sl 49:3 ).

Os ‘sábios’ aos próprios olhos não sabem que ao nascer entraram por uma porta larga (Adão), e que seguem por um caminho espaçoso que os conduz a perdição. Os tolos não entendem que o nascimento natural é a porta larga por onde todos os homens entram e passam a trilhar o caminho largo, que por sua vez os conduz à perdição.

O caminho dos que confiam em si mesmo é caminho de perdição (v. 12 e 13). E o caminho dos seus seguidores, ou seja, daqueles que ‘aprovam’ as suas palavras também e de perdição **“Todavia, o homem, apesar das suas riquezas, não permanecem (...) este é o caminho daqueles que confiam em si mesmos, e dos seus seguidores, que aprovam as suas palavras”** ( Sl 49:12 -13).

Por quê? Porque tanto os que confiam em si mesmos, quanto os seus seguidores, igualmente entraram pela porta larga ao nascerem. Igualmente passaram a andar por um caminho que os levará a perdição. Quem é sábio compreende que os ímpios desviam-se desde a madre. Os que aprendem com os oráculos de Deus e entende os seus enigmas compreende que os ímpios andam errados desde que

nascem, pois ao nascer entram por uma porta larga, passando a trilhar um caminho que conduz à perdição ( Sl 58:3 ).

Andam errados desde que nascem, proferindo mentiras! Por conseguinte, os seus seguidores, aqueles que aprovam suas palavras, não se desviam do caminho de perdição ( Sl 49:13 ). A posteridade dos ímpios não se desvia do caminho de perdição, que é a loucura de toda a posteridade de Adão.

“Como ovelhas são postos na sepultura; a morte se alimentará deles e os retos terão domínio sobre eles na manhã, e a sua formosura se consumirá na sepultura, a habitação deles”

O salmista compara a impotência dos ímpios à das reses quando a caminho do abatedouro. Como as ‘ovelhas’ estão destinados ao abate, eles estão destinados à sepultura, aos cuidados da morte!

A morte não significa aniquilação dos ímpios, como alguns apregoam, visto que, para Deus todos os homens vivem. Além do mais, como será possível os retos terem domínio sobre os ímpios, se ao romper da manhã eles não mais existirem?

Enquanto a formosura dos ímpios que armam ciladas se consome na sepultura, vislumbremos porque o Messias confia inteiramente em Deus ( Sl 49:5).

“Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá” (Selá)

O Messias tinha consciência que passaria pelos dias maus, quando homens iníquos o cercariam com ciladas de palavras para o matarem ( At 2:29 -31). Ele estava ciente que desceria a sepultura, porém, era certo que Deus haveria de remir a sua alma do poder da morte, e que O receberia ( Sl 49:15 ).

Os ímpios perecerão e a morte se alimentará deles, ou seja, a morte ‘existe’ por causa da existência dos ímpios. Em função da transgressão de Adão a morte passou a se alimentar dele e de todos os seus descendentes, porém, a morte não tem tal poder sobre o Cristo e os muitos filhos de Deus que são conduzidos à glória ( Hb 2:10 ).

Cristo, o último Adão, foi feito por Deus espírito vivificante. Ele é a porta estreita. Os muitos filhos que são conduzidos por Cristo à glória foram gerados por Deus

por intermédio de Cristo. Todos os homens que creem nascem de novo, ou seja, entram pela porta estreita, e passam a percorrer um novo e vivo caminho que os conduz à vida eterna.

Com base no livramento que Cristo recebeu do Pai, seguem-se uma alerta solene:

“Não temas, quando alguém se enriquece, quando a glória da sua casa se engrandece. Porque, quando morrer, nada levará consigo, nem a sua glória o acompanhará. Ainda que na sua vida ele bendisse a sua alma; e os homens te louvarão, quando fizeres bem a ti mesmo, irá para a geração de seus pais; eles nunca verão a luz. O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais, que perecem”

Após desvendar os enigmas do salmo, é possível compreender o alerta solene: “Não temas!”. O cristão não deve temer homens como o fariseu que subiu ao templo para adorar, e que, por ser religioso e seguidor da lei, recriou o publicano.

Até em nossos dias muitos se consideram afortunados por serem regrados e possuírem uma religião. Gloriam-se no fato de não serem iguais aos homens comuns, porém, rejeitam o que a palavra de Deus preceitua. Para ele os homens são pecadores por serem roubadores e adúlteros, porém, esquecem que desde a madre a humanidade segue um caminho que conduz à perdição.

Alguns religiosos consideram que, para alcançar a graça de Deus é necessário um ascetismo pessoal rígido, e chegam a proibir o casamento. A doutrina que anunciam apóia-se nas tradições dos homens, conforme suas filosofias.

Os servos de Cristo não podem se submeter àqueles que querem fazê-los presas suas. Muitos líderes religiosos procuram submeter os seus seguidores através de filosofias, vãs sutilezas, que são conforme a tradição dos homens.

Os seguidores de cristo não devem temer o julgamento que os homens fazem por causa do comer, do beber, de festas, ou por causa de dias das semanas. O temor a estas pessoas fará com que o cristão se prive do prêmio da salvação, isto porque tais homens se apresentam com uma pseudo-humildade, baseiam-se em visões e seguem o erro de suas mentes carnaís.

O que muitos religiosos fazem tem apenas aparência de sabedoria, de voluntariedade, humildade, ascetismo pessoal, pois se baseiam em preceitos humanos, mas não podem aniquilar a carne ( Cl 2:23 ), o que é possível somente em Cristo ( Cl 2:11 ).

O Cristão deve identificar esses homens que, dissimuladamente, se introduziram entre os cristãos e querem converter em dissolução a graça de Deus ( Jd 1:4 ). São falsos mestres, difamam o que não compreendem ( Jd 1:10 ), e o que se deve compreender de modo natural, como animais irracionais, até nisto se corrompem.

Aparentemente estes homens são ricos e cheios de glória pela vida de austeridade que se propuseram seguir. Suas riquezas e glória firmam-se em práticas virtuosas.

Porém, tais homens nada levam consigo quando morrem, nem a glória de suas práticas os seguirá ( Sl 49:17 ). O fato de ser feliz nesta vida não é sinal de bem-aventurança eterna. Ainda que os ímpios se considerem felizes e sejam louvados por suas realizações, irá ter com a geração dos seus pais: jamais verão a luz da vida! ( Sl 49:19 )

Uma é a geração dos ímpios e outra é a geração dos justos. A geração dos ímpios se perpetua através da descendência de Adão ( Jo 1:12 ), e a geração dos justos só é possível através do novo nascimento, quando Deus concede aos homens um novo coração e um novo espírito ( Sl 51:10 ; Jo 1:13 ; Ez 36:25 - 27).

**“O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais, que perecem”**

O último verso do salmo encerra a moral do enigma desvendado. O homem que está em uma posição privilegiada diante dos seus, como era o caso dos líderes religiosos à época de Cristo, e não compreende a parábola exposta ao som da harpa (oráculo), é semelhante às reses que são abatidas, seguem por um caminho que os conduz à perdição.

Ter zelo de Deus sem entendimento é permanecer no caminho de perdição, visto que, ao estabelecer a sua própria justiça (confiar em suas riquezas), o homem não se sujeita a justiça que vem de Deus ( Rm 10:1 -4).



A Editora Abril Cultural publicou uma Bíblia sob a coordenação do Pe. Antônio Charbel e do Pe. Joaquim Salvador, tendo o Pe. Ernesto Vogt como tradutor e comentarista do Livro dos Salmos. Temos o seguinte comentário ao Salmo 49 sob o título 'A futilidade das riquezas':

*“Um sábio, de cítara na mão, convida os peregrinos reunidos no Templo a ouvirem a solução do grande problema, provocado pela riqueza dos maus, o que parece desmentir a justiça divina. Mas a providência serve-se precisamente deste enigma e da inabalável fé na justiça divina, para fazer raiar na mente do salmista a certeza de que, depois da morte, será feita a justiça. Esta é a solução que ele achou, ou antes, que o oráculo divino lhe manifestou (v. 8). Os piedosos pobres e aflitos nada tem que invejar aos ricos ímpios, porque estes, apesar de todas suas riquezas, não se poderão resgatar da morte, abandonando o que possuíam e descendo às trevas para nunca mais ver a luz. Quanto aos fiéis, porém, Deus os livrará da morte acolhend-os junto de Si (v. 16)”* A Bíblia, Vol. 4, Os Livros Sapienciais, Editora Abril Cultural, 2º Edição, 1976, Pag. 112.

No comentário do Pe. Ernesto há uma certa influência da teologia da libertação, que se baseia na opção pelos pobres contra a miséria, através de um engajamento político da cristandade na construção de uma sociedade mais justa e solidária, denunciando a pobreza como um pecado estrutural das sociedades modernas.

Porém, não é esta a temática do Salmo 49. Em primeiro lugar a mensagem do salmista não se restringe aos freqüentadores do templo em Jerusalém, antes tem como alvo a humanidade. Em segundo lugar, o grande problema da humanidade não é a pobreza ou a riqueza dos homens. Em terceiro lugar, não é depois da morte que a justiça de Deus se estabelece, antes ela se deu no princípio, visto que a humanidade foi julgada e condenada em Adão. Em quarto lugar, o Salmo não trata das mazelas socioculturais da humanidade, ou das estruturas econômicas e sociais dos reinos deste mundo.

O fato de alguém ser rico não o torna ímpio, e a pobreza não torna ninguém piedoso. Todos os homens gerados segundo a carne e o sangue (pobres ou ricos, judeus ou gentios, nobres ou escravos, religiosos ou ateus), são ímpios por terem entrado pela porta larga (Adão) que os conduz à perdição ( Sl 62:9 ).

Não obstante, temos o seguinte comentário extraído de uma Bíblia comentada



evangélica:

*“Devemo-nos lembrar, contudo, de que o ponto de vista é o de Israel, e que nem uma ressurreição nem um quinhão celestial aparece no salmo (...) Embora este salmo, naturalmente, nada revele do Evangelho da graça de Deus, encontramos nele algumas palavras que no N.T. têm um sentido abundante e precioso”* McNair S.E, A Bíblia Explicada, 4ª Ed, Rio de Janeiro, Editora CPAD, 1983, Pág. 184.

Ora, o ponto de vista do salmo não se restringe ao povo de Israel, visto que trata de uma problemática pertinente a todos os moradores do mundo ( Sl 49:1 ). No salmo não aparece nem um quinhão celestial, ou nada acerca da ressurreição? O que dizer do verso 15? Como os retos terão domínio sobre os ímpios, se o salmo nada diz acerca da ressurreição? ( Sl 49:14 ) O salmo nada revela acerca do Evangelho da graça de Deus? Ora, assim como o evangelho é para todos os povos, para todos os moradores do mundo, tanto pobres quanto ricos, percebe-se que o salmo tem muita coisa em comum com a graça de Deus revelada através do Evangelho *“Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”* ( Jo 5:39 ).